

# Somos filhos ou criaturas de Deus?

A maioria dos homens não gosta de pensar e curvar-se à cômoda observância dos preceitos tradicionais.

É incrível a soma de absurdos que se podem fazer crer e praticar aos homens. (FORNICHÍ)

Autoridades religiosas não gostam de confrontar evidências contraditórias; elas lutam por reconciliação e harmonia. (VERMES).

Sempre estamos vendo crentes, especialmente do segmento evangélico, afirmarem que não somos filhos de Deus, mas tão somente criaturas. Ontem, recebi o seguinte e-mail, de um dos nossos leitores:

----- Mensagem original -----

**Assunto:** tema religioso  
**Data:** Sun, 4 Sep 2011 00:51:52 +0000  
**De:** Luciano Neto <[lucianoluleli@hotmail.com](mailto:lucianoluleli@hotmail.com)>  
**Para:** <[paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)>

Paulo, boa noite.

Eu estava em um casamento na igreja Presbiteriana e escutei o pastor Ulisses dizer uma coisa que não aceitei; gostaria que você me explicasse sob o ponto de vista de nossa doutrina.

Ele disse: "Não somos filhos de Deus, pois está na bíblia que ele enviou seu UNICO filho Jesus".

Logo, nós somos somente suas criaturas. o que você me diz disso?

Att:

Luciano Neto

Optamos por deixar o e-mail no inteiro teor, pois sabemos que o remetente, nosso amigo, não se incomodará com a divulgação de seu nome.

Acreditamos que esse pensamento tem origem no fato de que, no Evangelho de João, cujo autor, diga-se de passagem, não se sabe ao certo quem é, afirma que Jesus é "Filho único de Deus" ou "unigênito", segundo algumas traduções (Jo 1,14.18; 3,16.18). Então, se Jesus é o único filho de Deus restou, dentro da linha de raciocínio deles, a todos os seres humanos apenas o papel de serem criaturas de Deus.

Pesquisamos na Internet e encontramos, num site evangélico, o seguinte:

Qual a Diferença Entre Criaturas e Filhos de Deus?

Deus é o Criador de todas as coisas, Criador dos homens e de tudo que há no Universo. Logo, os homens são CRIATURAS DE DEUS. Os homens somente passam à condição de FILHOS DE DEUS quando nascem de novo, ou seja, quando se arrependem de seus pecados e os deixam, creem no Senhor Jesus e O aceitam como Senhor e Salvador:

"Mas a todos os que O receberam, aqueles que creem no Seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, filhos nascidos não do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus". (Jo 1.12-13; Mt 5.9; 5.45; Rm 8.14; 1 Jo 3.1).

Autor: Pr Airton Evangelista da Costa

(<http://www.estudosgospel.com.br>)

Pelo que percebemos, toma-se do sentido literal e não do figurado, apenas numa tentativa de se justificar a necessidade das pessoas estarem vinculadas à religião que professa.

Recorrendo ao Houaiss, transcrevemos as definições:

**FILHO DE DEUS:** **1** REL Jesus Cristo; **2** *p. ext.* **segundo a doutrina católica, qualquer ser humano;** **3** *infrm.* pessoa que reclama direitos iguais a outrem e que não quer ser excluída de benefícios que devem ser comuns.

**CRIATURA:** **1** cada um dos seres ou coisas materialmente existentes; **2** pessoa ou coisa, resultante de uma criação.

Ora, se criatura significa "pessoa ou coisa, resultante de uma criação", então, dentro dessa visão, que alguns teólogos preferem advogar, nada diferencia o homem de tudo quanto é criação de Deus, em particular dos animais: "*Isso acontece a **toda criatura, desde o homem até o animal***". (Eclo 40,8). A se ver por essa óptica, obviamente, torna sem valor o teor do passo: "*E **Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou***". (Gn 1,27).

O interessante foi saber que, para a Igreja Católica, todos nós somos filhos de Deus, conforme consta na explicação acima no dicionário.

E, aproveitando que ainda estamos com o dicionário à mão:

**PAI:** **1** homem que gerou um ou mais filhos; genitor, progenitor; **2** homem em relação aos seus filhos, naturais ou adotivos; **3** autor, mentor; **4** iniciador, fundador; **5** *p. ext. (da acp. 1)* animal do sexo masculino que deu origem a outro; **6** tratamento que alguns fiéis dão aos padres; **7** aquele que pratica o bem, que ajuda ou favorece; benfeitor, protetor; **8** tratamento afetuoso que se dava aos idosos, esp. aos escravos; **9** *fig.* **o que faz com que algo exista ou aconteça; causa; causador;** **10** REL primeira pessoa da Santíssima Trindade cristã.

Entendemos que, se pai é "o que faz com que algo exista ou aconteça; causa; causador", então, podemos mesmo dizer que Deus é nosso Pai. Certamente, foi por esse motivo que Jesus disse "***Meu Pai, vosso Pai***" (Jo 20,17); portanto, se para Jesus Deus é nosso pai, conseqüentemente, não há como fugir do fato de que, além dele, todos nós outros somos filhos de Deus. Inclusive, caberia perguntarmos: qual dos dois devemos seguir, a Jesus que afirma que todos somos filhos de Deus ou ao autor do evangelho de João que supostamente diz o contrário?

Via de regra, usamos o termo criatura para designar todos os seres criados por Deus:

Gn 7,23: "*Assim foram exterminadas **todas as criaturas** que havia sobre a face da terra, **tanto o homem como o gado, o réptil, e as aves do céu; todos foram exterminados da terra; ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca***".

Modernamente, dessa designação genérica de criatura, é de bom tom excluir-se o homem, para dar-lhe o tratamento diferenciado, designando-o de ser humano ou filho de Deus. Aliás, é até estranho usar o termo criatura para se referir ao homem, porquanto, sendo ele criado a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27), devemos ser mesmo algo diferente das outras criaturas; não é verdade?

Considerando que criador é aquele "que cria, produz, gera" (Houaiss), então, não é de todo impróprio dizer que um pai humano seja também um criador. Entretanto, parece-nos ser constrangedor um pai chamar os seus filhos de criaturas, razão pela qual perguntamos: isso não valeria também para nós em relação a Deus, já que o designamos de Criador?

Até mesmo todo o povo hebreu é denominado de filho de Deus, conforme se pode comprovar em Êxodo:

Ex 4,22: "Então dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: **Israel é meu filho, meu primogênito**".

No contendo, "Israel" é o povo hebreu e não nome de uma pessoa, como seria o usual, explicação que damos para evitar interpretações equivocadas.

O profeta Isaías, que exerceu seu ministério de 734 a 668 a.C. (Dicionário Bíblia Barsa, p. 137), via Deus como sendo nosso pai:

Is 63,15-16: "Atenta lá dos céus e vê, lá da tua santa e gloriosa habitação; onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas? A ternura do teu coração e as tuas misericórdias para comigo estancaram. Mas **tu és nosso Pai**, ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece; **tu, ó Senhor, és nosso Pai**; nosso Redentor desde a antiguidade é o teu nome".

Is 64,8: "Mas agora, ó Senhor, **tu és nosso Pai**; nós somos o barro, e tu o nosso oleiro; e todos nós obra das tuas mãos".

Portanto, essa visão de Deus como Pai de todos nós é bem antiga. Além disso, há o fato de se considerarem os profetas como homens inspirados por Deus; então, levando-se isso em conta, dever-se-ia, conseqüentemente, aceitar Deus como pai de todos nós.

Podemos acrescentar que, à época de Jesus, os judeus afirmavam que "temos por pai Abraão" (Mt 3,9), nesse sentido figurado, não vemos motivo para também não chamarmos Deus de Pai. Ademais, quem O designou dessa forma, voltamos a reafirmar, foi o próprio Jesus e não nós.

Entenda, caro leitor, a confusão que fazem:

- **os católicos** asseguram que todos nós somos filhos de Deus, conforme vimos no Houaiss;

- **os presbiterianos**, por sua vez, dizem que somente Jesus o é;

- **os assembleianos** advogam que desde que "aceitemos Jesus" nós o seremos.

Os primeiros, indubitavelmente não contradizem a fala de Jesus, quando, juntamente com ele, também nos coloca como filhos de Deus.

Leiamos o seguinte passo:

Jo 1,12-13: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que creem no seu nome, **deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus**; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus".

É o primeiro passo citado pelo pastor para justificar que somos "criaturas" e não "filhos", ao qual acrescenta, como se lhe fosse semelhante, o teor das seguintes passagens:

Mt 5,9: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus".

Mt 5,44-45: "Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos". (iniciamos do versículo 44 para poder dar sentido ao texto).

Rm 8,14: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus".

1Jo 3,1: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não conheceu a ele".

Como se pode observar o sentido dessas quatro passagens não é semelhante ao do primeiro passo (Jo 1,12-13); a razão de colocá-las é porque, quanto maior o número de citações, mais impressiona o adepto não familiarizado com os textos bíblicos; especialmente, aqueles que só os decoram, sem procurar entender o seu sentido. Crentes, com essa índole,

partem do princípio de que o pastor entende mais de Bíblia do que eles, presumindo que a tenha estudado em profundidade.

Por outro lado, apesar dos evangélicos sempre acusarem os espíritas de pinçarem passagens que os convém, o que ele, o pastor, aqui faz, é exatamente isso. Por que motivo não menciona aquelas nas quais Jesus se refere a Deus como "Vosso pai" (Mt 5,16.48; 6,1.8.14.15.26.32; 7,11; 10,20.29; 18,14; 23,9)? Além dessas, ainda temos, no mesmo evangelho de João, em que ele se baseia, o seguinte:

Jo 20,17: "*Disse-lhe Jesus: 'Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus'*".

Ora, aqui, ao dizer "meus irmãos" e "vosso Pai", Jesus está colocando, irrevogavelmente, Deus como pai de todos nós. Isso sem contar que, em Mateus (6,9-13), ele recomenda-nos que, ao orarmos, disséssemos: "**Pai nosso** que está nos céus, [...]". E, ao que sabemos, todos os seguidores de Cristo, incluindo os espíritas, assim o fazem, ou seja, chamam a Deus de "Pai nosso".

E é bom que fique bem claro que, se Jesus disse "meu Pai" e "meu Deus", é porque ele não é o próprio Deus como os cristãos tradicionais – católicos e protestantes –, equivocadamente, advogam. Aliás, se creem nas profecias, deveriam saber que, por elas, Deus promete enviar um Messias e não que Ele próprio viria à Terra. Sim, é certo que irão nos retrucar afirmando que Jesus disse "*Eu e o pai somos um*" (Jo 10,30); entretanto, há que se buscar o verdadeiro sentido dessa sua fala, para não contrariar aquela na qual ele diz "[...] o Pai é maior do que eu" (Jo 14,28). Conjugando essas duas passagens (Jo 10,30 e Jo 14,28) devemos entender que a palavra de Jesus em Jo 10,30 deve ser entendida como "o que eu aqui fizer e disser Deus garante". Isso porque, ainda em João, Jesus faz o seguinte pedido a Deus: "[...] que também eles [os homens] sejam um em nós; [...], como nós somos um" (Jo 17,21-22), que deve ser o sentido correto para interpretar o mencionado passo Jo 10,30. Outra passagem servirá para clarear mais o assunto: "[...] o Pai está em mim e eu no Pai" (Jo 10,38); comparando-se com "*Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós*" (Jo 14,20), vê-se que longe está, portanto, a ideia de que Jesus e Deus são a mesma personalidade; certo é que quando ele diz que "*O Pai está em mim*", combinando-se com Jo 14,20, devemos entender como estando em todos nós, ou seja, todos comungados no mesmo pensamento, ainda que isso aconteça num futuro distante. Observar, caro leitor, que não foi preciso sair do evangelho de João para darmos as explicações necessárias.

Ademais, ao tomar de João, talvez o pastor não saiba, que estudiosos modernos, não o têm muito em conta; como exemplo, citamos Geza Vermes, que assim diz:

Em nove vezes em dez, a pergunta desconcertada dos tradicionalistas deriva de alguma passagem no Quarto Evangelho. Minha resposta costumeira, que ecoa as conclusões da maioria dos estudiosos criteriosos, deixa-os em regra algo confusos, mas em última análise não afetados. Eles não conseguem engolir a opinião de que **o assim chamado Evangelho de João é algo especial, e que reflete, não a autêntica mensagem de Jesus ou sequer o pensamento dos seus seguidores imediatos sobre ele**, mas uma teologia altamente evoluída de um escritor cristão que viveu três gerações depois de Jesus e completou o seu Evangelho nos primeiros anos do segundo século d.C. **Para o crente médio, o último Evangelho é naturalmente o melhor e mais confiável dos quatro**. Eles o consideram como a obra do apóstolo e testemunha ocular da vida de Jesus, que o estimava tanto que pouco antes de morrer na cruz nomeou-o seu herdeiro e guardião de sua mãe Maria.

[...]

Nenhuma leitura crítica dos quatro Evangelhos justifica tal compreensão de João. Pois **é óbvio para qualquer leitor imparcial, sem viés religioso, que, se o Quarto Evangelho está certo, seus precursores têm de estar errados, ou vice-versa**. Os Sinópticos e João não podem estar simultaneamente corretos, pois o primeiro atribui a Jesus uma carreira pública que dura um ano, ao passo que João a estende em dois ou três anos, mencionando duas ou possivelmente três celebrações da Páscoa consecutivas durante o ministério de Jesus na Galileia e na Judeia. Do mesmo modo, se for

exata a data de João da crucificação na véspera da Páscoa, isso é, em 14 Nisan, os Sinópticos, que descrevem a Última Ceia como um jantar de Páscoa e situam os acontecimentos que conduzem à execução em 15 Nisan, têm de estar errados. Ou para hebraizar e adaptar apropriadamente o provérbio inglês à situação da Páscoa judaica, não é possível guardar o pão ázimo e comê-lo! (VERMES, 2006, p. 15-18) (grifo nosso).

Carlos T. Pastorino (1910-1980), escritor, jornalista, teatrólogo, radialista, historiador, filólogo, filósofo, professor, poeta e compositor, que falava fluentemente vários idiomas, legou-nos inúmeros livros didáticos, traduzindo obras de vários autores ingleses, franceses, espanhóis, italianos, clássicos latinos e gregos, explica-nos o passo Jo 1,12-13:

**A expressão "filho de", muitíssimo usada na Bíblia, é um hebraísmo que exprime o ser, que possui a qualidade do substantivo que se lhe segue.** Por exemplo: "filho da paz" é o pacífico; "filho da luz" é o iluminado; então, "filho de Deus" é o ser que se divinizou, que se tornou participante da Divindade, que conseguiu ser "um com o Pai". **E todos os que nele acreditam e obedecem a seus preceitos, tornam-se divinos: "eu e o Pai viremos e NELE faremos morada"**. (Jo. 14:23).

Aí reside o segredo de a criatura tornar-se divina. (PASTORINO, 1964a, p. 14) (grifo nosso).

Como todos nós, no decorrer dos milênios, inapelavelmente, chegaremos a participar da comunhão espiritual com Deus; aí, nessa condição de Espíritos puros, poderemos ser merecidamente chamados "filhos de Deus", porquanto estaremos na condição de plenos cumpridores de Sua vontade.

Vejam algumas passagens nas quais encontramos a expressão "filhos de Deus", para demonstrar que, biblicamente falando, Jesus não é o único filho de Deus:

Gn 6,1-4: *"Sucedeu que, quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e lhes nasceram filhas, viram os **filhos de Deus** que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. Então disse o Senhor: O meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, porquanto ele é carne, mas os seus dias serão cento e vinte anos. Naqueles dias estavam os nefilins na terra, e também depois, quando os **filhos de Deus** conheceram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos. Esses nefilins eram os valentes, os homens de renome, que houve na antiguidade"*.

Nesse passo os filhos de Deus seriam seres espirituais, que faziam parte da corte divina, segundo a crença da época. O trecho que diz *"o meu Espírito não permanecerá para sempre no homem"*, deixa claro que todos nós, seres humanos, temos um espírito criado por Deus, daí, ter razão o autor de Hebreus, quando se refere a Deus como **"Pai dos espíritos"** (Hb 12,9), o que nos faz concluir que, também sob essa ótica, todos nós, por sermos espíritos, somos filhos de Deus.

Jó 1,6: *"Ora, chegado o dia em que os **filhos de Deus** vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles"*.

Russell P. Shedd (1929- ), teólogo evangélico, tradutor da Bíblia Shedd, dá a seguinte explicação: *"Filhos de Deus. Tem referência a todos os seres celestiais. [...]"* (Bíblia Shedd, p. 720), o que confirma a hipótese que levantamos no item anterior.

E aqui temos algo inusitado; se, conforme o texto, *"veio também Satanás entre eles"*, ou seja, entre os filhos de Deus, significa que até ele, Satanás, da mesma forma é filho de Deus; e, aí, perguntamos: por que nós também não o seríamos?

Estas duas passagens imediatamente anteriores (Gn 6,1-4 e Jó 1,6), são importantes para provar que os que advogam que Jesus é **"filho único"** de Deus, estão completamente enganados, assunto que trataremos um pouco mais à frente.

Num dos salmos (louvores) de Asafe (ou Asaf), um dos músicos do rei Davi, há uma

afirmação bem interessante; vejamo-la:

Sl 82,6: "*Eu disse: Vós sois deuses, e **filhos do Altíssimo, todos vós***".

Ora, afirmação mais categórica do que essa não precisa. Se "todos vós" somos "*filhos do Altíssimo*", como explicar, usando-se de uma boa lógica, para não contradizer o que aqui se afirma, que não sejamos filhos de Deus? Haja fanatismo cego para negar isso!

Lc 1,30-35: "*Disse-lhe então o anjo: 'Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado **Filho do Altíssimo**; o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, o seu reino não terá fim'. Então Maria perguntou ao anjo: 'Como se fará isso, uma vez que não conheço varão? Respondeu-lhe o anjo: 'Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso, o que há nascer será chamado **Filho de Deus**'".*

Aqui nesse passo já temos uma visão pagã, pela qual um Deus fecunda uma mulher virgem, gerando um semideus ou filho de deus. Relevando isso, podemos ver que também Jesus é considerado Filho do Altíssimo, designação dada, no passo anterior (Sl 82,6), a todos nós.

Lc 3,21-22 "*Quanto todo o povo fora batizado, tendo sido Jesus também batizado, e estando ele a orar, o céu se abriu; e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se céu esta voz: 'Tu és o **meu Filho amado**; em ti me comprazo*".

Esse passo tem o mesmo teor em Mateus (3,16-17) e Marcos (1,10-11), que narram o batismo de Jesus, afirmando que uma voz, vindo do céu, o identifica como "meu Filho amado". Os tradutores da Bíblia de Jerusalém afirmam, em relação a Lucas, que:

Var.: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo", **suspeita de harmonização com Mt e Mc**. Provavelmente o teor da voz celeste em Lc não faça referência a Is 42 como em Mt e Mc, mas ao Sl 2,7. Ao invés de reconhecer em Jesus o "Servo", prefere apresentá-lo como Rei-Messias do Salmo, entronizado no batismo para estabelecer o Reino de Deus no mundo. (Bíblia de Jerusalém, p. 1793) (grifo nosso).

Da genealogia de Jesus, em Lucas, transcrevemos o seguinte trecho:

Lc 3,38: "*Cainã [filho] de Enos, Enos [filho] de Sete, Sete [filho] de Adão, e **Adão [filho] de Deus***".

Se Adão é filho de Deus e nós todos filhos de Adão, conforme creem os cristãos tradicionais, então, por consequência, só podemos ser também filhos de Deus, ou estamos indo longe demais? Colocamos "[filhos]" no texto visando um melhor entendimento do seu teor.

Lc 4,1-12: "*Repleto do Espírito Santo, Jesus voltou do rio Jordão, e era conduzido pelo Espírito através do deserto. Aí ele foi **tentado pelo diabo** durante quarenta dias. Não comeu nada nesses dias e, depois disso, sentiu fome. Então o diabo disse a Jesus: 'Se tu és **Filho de Deus**, manda que essa pedra se torne pão'. Jesus respondeu: 'A Escritura diz: 'Não só de pão vive o homem''." O diabo levou Jesus para o alto. Mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo. E lhe disse: 'Eu te darei todo o poder e riqueza desses reinos, porque tudo isso foi entregue a mim, e posso dá-lo a quem eu quiser. Portanto, se te ajoelhares diante de mim, tudo isso será teu'. Jesus respondeu: 'A Escritura diz: 'Você adorará o Senhor seu Deus, e somente a ele servirá''". Depois o diabo levou Jesus a Jerusalém, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: 'Se tu és **Filho de Deus**, joga-te daqui para baixo. Porque a Escritura diz: 'Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, que te guardem com cuidado'. E mais ainda: 'Eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma*

pedra". Mas Jesus respondeu: 'A Escritura diz: **'Não tente o Senhor seu Deus'**".

O teor de Mateus (4,1-7) é quase idêntico ao de Lucas; Marcos, ao contrário, é bem resumido:

Mc 1,12-13: "Em seguida o Espírito impeliu Jesus para o deserto. E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, e aí era **tentado por Satanás**. Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam".

Sobre a tentação de Jesus, vejamos as colocações de Juan Arias (1932- ):

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. **Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.** (ARIAS, 2001, p. 112) (grifo nosso).

**Assim como os grandes magos e xamãs, Jesus retirou-se por quarenta dias no deserto a fim de se preparar para a vida pública de fazedor de prodígios.** O que o demônio propõe a Jesus em suas tentações são justamente coisas típicas dos magos, como voar através das nuvens ou transformar pedras em pães. Os evangelhos dizem que Jesus não caiu nas tentações do demônio que lhe propunha fazer milagres próprios dos magos, justamente para combater a ideia de que fosse um mago como os de seu tempo. (ARIAS, 2001, p. 177) (grifo nosso).

Estabelece-se o padrão: todo iluminado tinha que iniciar sua pregação após resistir às tentações do ser do mal.

E, para nós, é difícil aceitar que Jesus tenha dito "Não tente o Senhor seu Deus", como se vê em Mateus e Lucas, porquanto, ele se colocava como um igual a nós e não como o próprio Deus. Aliás, vários problemas surgem disso: a) as profecias diziam que Deus enviaria um mensageiro, não que viria pessoalmente; b) o passo: "Jesus respondeu: 'Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais'" (Mc 10,18), fica completamente sem sentido; c) não há como resolver o conflito com essa outra fala de Jesus: "[...] pois o Pai é maior do que eu" (Jo 14,28); d) Em Jo 5,30; 6,38-30, Jesus afirma e reafirma que veio: "para cumprir a vontade daquele que me enviou", a questão é simples: não há como o superior ser, ao mesmo tempo, igual ao inferior e vice-versa.

O passo relacionado ao "não tente o Senhor seu Deus" (Lc 4,12), segundo os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, é Dt 6,16, que diz: "Não tentareis o Senhor vosso Deus, como o tentastes em Massá". Se é algo bem especificado. Vejamos, para melhor entendimento, o que aconteceu em Massá:

Ex 17,7: "E deu ao lugar o nome de Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque **tentaram ao Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio de nós, ou não?**".

Fica evidente que as tentações pelas quais passou Jesus, tendo o demônio como protagonista, nada tem a ver com o que é sugerido nesse passo, que, na verdade, é uma dúvida partindo do povo, portanto, a menção citada em Lc 4,12 é totalmente desconexa, fora de propósito.

Em relação aos demônios, os relatos bíblicos os colocam atribuindo a Jesus a condição de: 1) "Filho de Deus" em Mt 8,29, "Filho do Deus Altíssimo" em Mc 5,7 e em Lc 8,28; 2) "Santo de Deus" em Mc 1,24 e em Lc 4,34. Ainda em Lc 4,41-42 temo-los dizendo "Filho de Deus", por saberem que ele era o Messias. Portanto, como dizem serem os demônios os "pais da mentira" não se pode acreditar neles; não é mesmo?

Lc 20,34-36: "Respondeu-lhes Jesus: Os filhos deste mundo casaram-se e dão-se em casamento; mas os que são julgados dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem se dão em casamento; porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, **e são filhos de Deus**, sendo filhos

da ressurreição”.

Nesse passo, a expressão “filhos de Deus” simboliza aqueles que já se tornaram iguais aos anjos, ou seja, tornaram-se espíritos puros; oportunidade dada a todos, sem distinção.

Jo 11,49-52: “Um deles, porém, chamado Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: *Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça a nação toda. Ora, isso não disse ele por si mesmo; mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus havia de morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também para congregar num só corpo **os filhos de Deus** que estão dispersos”.*

Quem são os filhos de Deus que estão dispersos, senão aqueles que não faziam parte da nação judaica, ou seja, todos nós?

Rm 8,12-23: “Portanto, irmãos, somos devedores, não à carne para vivermos segundo a carne; porque se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses **são filhos de Deus**. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: *Aba, Pai!* O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que **somos filhos de Deus**; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados. Pois tenho para mim que as aflições deste tempo presente não se podem comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a criação aguarda com ardente expectativa a revelação dos **filhos de Deus**. Porquanto a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação há de ser liberta do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos **filhos de Deus**. Porque sabemos que toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora; e não só ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoração, a saber, a redenção do nosso corpo”.

Essa pregação de Paulo não pode ser vista no sentido exclusivista; mas no sentido figurado de que todos aqueles, que seguem Jesus, podem efetivamente merecer serem chamados filhos de Deus. É algo como se um pai humano, diante de uma atitude louvável do filho, lhe dissesse: *Agora sim, posso dizer que você é meu filho*. Exatamente, conforme se vê nos passos: Mt 5,9: “Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.” e Lc 6,35: “Ao contrário, amem os inimigos, façam o bem e emprestem, sem esperar coisa alguma em troca. Então, a recompensa de vocês será grande, e vocês serão filhos do Altíssimo, porque Deus é bondoso também para com os ingratos e maus.”

Gl 3,26-29: “Pois todos sois **filhos de Deus** pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa”.

Pode ser que por seguirem esse pensamento de Paulo é que dizem serem filhos de Deus apenas os que, após serem batizados, lhes seguem na mesma crença religiosa; porém, é contrário ao que Jesus disse; portanto, a questão que se coloca é: devemos seguir a palavra de Jesus ou a de Paulo?

1Jo 3,1-2: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados **filhos de Deus**; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não conheceu a ele. Amados, **agora somos filhos de Deus**, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é, o veremos”.

“Agora somos filhos de Deus”; será que antes ainda não éramos? Será que Jesus estava enganado quando disse que todos somos filhos de Deus? E isso é feito de forma direta e

indireta; como exemplo disso, apresentamos:

Mt 5, 45: *"para que vos torneis filhos do **vosso Pai** que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos"*.

Mt 5,48: *"Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o **vosso Pai celestial**"*.

Mt 6,1: *"Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outra sorte não tereis recompensa junto de **vosso Pai**, que está nos céus"*.

Mt 6,8: *"Não vos assemelheis, pois, a eles; porque **vosso Pai** sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes"*.

Mt 6,14-15: *"Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco **vosso Pai** perdoará vossas ofensas"*.

Mt 6,26: *"Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; e **vosso Pai celestial** as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?"*

Mt 6, 31-32: *"Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? (Pois a todas estas coisas os gentios procuram.) Porque **vosso Pai celestial** sabe que precisais de tudo isso"*.

Mt 7,11: *"Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais **vosso Pai**, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?"*

Mt 10,19-20: *"Mas, quando vos entregarem, não cuideis de como, ou o que haveis de falar; porque naquela hora vos será dado o que haveis de dizer. Porque não sois vós que falais, mas o Espírito de **vosso Pai** é que fala em vós"*.

Mt 18,14: *"Assim também não é da vontade de **vosso Pai** que está nos céus, que venha a perecer um só destes pequeninos"*.

Mt 23,9: *"E a ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é o **vosso Pai**, aquele que está nos céus"*.

Lc 6,36: *"Sede misericordiosos, como também **vosso Pai** é misericordioso"*.

Jo 20,17: *"Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e **vosso Pai**, meu Deus e vosso Deus"*.

Se, ao falar para a multidão, Jesus dizia que Deus é "vosso Pai", diante disso não há como não nos considerarmos filhos; portanto, quer queiram ou não os contrários, todos nós somos filhos de Deus.

O autor da primeira carta de João é, realmente, bem confuso, veja, caro leitor:

1Jo 3,9-10: *"Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque sua semente permanece n ele; ele não pode pecar porque nasceu de Deus. Nisto são reconhecíveis os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão"*.

Em 1Jo 3,1 ele afirmou que todos somos filhos de Deus, enquanto aqui, nesse passo, está dizendo que são filhos de Deus somente quem não comete pecado. Ora, dentro dessa linha de raciocínio, como não há na face da Terra um só homem que não comete pecado, então, somos formados a concluir que ninguém pode considerar-se filho de Deus.

Vamos tratar da questão, que rapidamente mencionamos, de Jesus ser filho único, apesar de já termos visto em alguns textos bíblicos a existências de vários filhos de Deus (Gn 6,1-4, Jó 1,6; Sl 82,6; Lc 3,38) o que nega a crença de sermos criaturas.

Curiosamente, essa ideia de Jesus ser filho único ou unigênito, conforme algumas

traduções, somente consta em João, cujo evangelho foi escrito nos anos 90, segundo Julio Treballe Barrera, membro do Comitê Internacional de publicação dos Manuscritos de Mar Morto, professor de hebraico e aramaico na Universidad Complutense de Madrid, doutor em Filologia Semítica e Teologia (BARRERA, p. 287-288); portanto, cerca de uns 60 anos depois da morte de Jesus. E disso cabe a pergunta: por que nos outros evangelhos não encontramos essa afirmativa? Simples: porque nessa época não tinham essa crença, que só veio a aparecer depois desses autores terem escrito suas versões dos acontecimentos.

Jo 1,14: *"E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do **Filho único** do Pai, cheio de amor e fidelidade"*.

Jo 1,18; *"Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o **Filho único**, que está junto ao Pai"*.

Jo 3,16-18: *"Pois Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu **Filho único**, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele. Quem acredita nele, não está condenado; quem não acredita, já está condenado, porque não acreditou no nome do **Filho único** de Deus"*.

Devemos observar que em nenhuma dessas passagens foi o próprio Jesus quem atribuiu a si mesmo essa condição de filho único (unigênito). Entendemos que para ser filho único não poderia existir mais nenhum outro filho de Deus; porém, já provamos que existem. Além do que já foi dito, encontramos no mesmo evangelho de João, essa fala de Jesus ressurrecto a Madalena: *"Não me segure, porque ainda não voltei para o Pai. Mas vá dizer aos **meus irmãos**: 'Subo para junto do meu Pai, **que é Pai de vocês**, do meu Deus, que é o Deus de vocês'"*. (Jo 20,17); dessa forma ele se iguala a nós ou, se preferirem, nos iguala a ele.

Dois pontos importantes: a expressão *"meus irmãos"*, refere-se aos que o seguiram; portanto, Jesus se iguala a todos nós, não se colocando como um ser especial; disso, é forçoso concluir que temos um mesmo Pai; é, inclusive, o que, ainda naquele momento, ele afirma quando diz *"que é Pai de vocês"*, reafirmando, com essa outra expressão, que Deus é pai de todos nós. Podemos, inclusive, corroborar isso com Paulo, que é muito utilizado no meio evangélico, que asseverou: *"[...] só há um **Deus que é Pai de todos**, e está acima de todos, age por todos e em todos"* (Ef 4,6).

Por outro lado, a condição de ser filho unigênito é incompatível com a de ser, ao mesmo tempo, filho primogênito, o que prova a contradição entre os "inspirados" autores bíblicos. Vejamos os passos com base nos quais atribuem a Jesus a condição de ser filho primogênito:

Rm 8,29: *"Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho, para que este seja **o primogênito entre muitos irmãos**"*.

Cl 1,15: *"Ele é a imagem do Deus invisível, **o Primogênito**, anterior a qualquer criatura"*.

Hb 1,6: *"E de novo, quando introduz **seu Filho primogênito** no mundo, ele diz: 'Que todos os anjos o adorem'"*.

Uma vez usada a expressão "filho primogênito" presume-se que Deus tenha criado outros filhos; portanto, a condição de filho unigênito fica, totalmente, prejudicada com isso.

Ademais, não temos nenhuma outra fonte de informação que nos assegure ter Jesus essa condição de primogênito de Deus, ou seja, que tenha sido o primeiro filho a ser criado, embora isso possa ser irrelevante ao nosso estudo.

Por outro lado, nem mesmo filho único de Maria, também o foi:

Lc 2,6-7: *"Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, e Maria **deu à luz o seu filho primogênito**. Ela o enfaixou, e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa"*.

Como filho de Maria não resta nenhuma dúvida que ele foi mesmo o primeiro dos filhos, porquanto é citado que teve irmãos e irmãs. (Mt 12,46; Mt 13,55). Corroborando em Heinz Zahrnt (1915-2003), protestante teólogo alemão, temos que "Jesus era o mais velho de um total de sete filhos, quatro homens e três mulheres. [...]". (ZAHRNT, 1992, p. 40), portanto, quanto ao fato de ser primogênito de Maria, não há o que contestar; porém, uma coisa é ser primogênito de Maria e outra é o ser de Deus.

Não podemos deixar de mencionar que Jesus sempre atribuiu a si mesmo a condição de "Filho do homem". Conforme vemos em Champlin e Bentes, das noventa e quatro vezes que aparece a expressão "Filho do homem", no Novo Testamento, apenas por cinco vezes (5,3%) não foi Jesus quem a usou (CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 742).

E, para não fugir ao processo da divinização de Jesus, o autor de João é quem coloca Jesus dizendo ser filho de Deus, exatamente onde, conforme vimos, encontramos mais passagens nas quais atribuem-lhe esse epíteto. Eis os passos:

Jo 4,1-4: *"Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume, e que tinha enxugado os pés dele com os cabelos. Lázaro, que estava doente, era irmão dela. Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: 'Senhor, aquele a quem amas está doente'. Ouvindo o recado, Jesus disse: 'Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o **Filho de Deus** seja glorificado por meio dela'"*.

Jo 5,25: *"Eu garanto a vocês: está chegando, ou melhor, já chegou a hora em que os mortos ouvirão a voz do **Filho de Deus**: aqueles que ouvirem sua voz, terão a vida"*.

Jo 10,29-39: *"O Pai, que tudo entregou a mim, é maior do que todos. Ninguém pode arrancar coisa alguma da mão do Pai. O Pai e eu somos um'. As autoridades dos judeus pegaram pedras outra vez para apedrejar Jesus. Então Jesus disse: 'Por ordem do meu Pai, tenho feito muitas coisas boas na presença de vocês. Por qual delas vocês me querem apedrejar?' As autoridades dos judeus responderam: 'Não queremos te apedrejar por causa de boas obras, e sim por causa de uma blasfêmia: tu és apenas um homem, e te fazes passar por Deus'. Jesus disse: 'Por acaso, não é na Lei de vocês que está escrito: 'Eu disse: vocês são deuses'? Ninguém pode anular a Escritura. Ora, a Lei chama de deuses as pessoas para as quais a palavra de Deus foi dirigida. O Pai me consagrou e me enviou ao mundo. Por que vocês me acusam de blasfêmia, se **eu digo que sou Filho de Deus**? Se não faço as obras do meu Pai, vocês não precisam acreditar em mim. Mas se eu as faço, mesmo que vocês não queiram acreditar em mim, acreditem pelo menos em minhas obras. Assim vocês conhecerão, de uma vez por todas, que o Pai está presente em mim, e eu no Pai'. Eles tentaram outra vez prender Jesus, mas ele escapou das mãos deles"*.

Foi muito comum atribuírem a Jesus o título de "Filho de Deus" após algum "milagre" realizado por ele; vejamos, primeiro, as narrativas de Marcos e João, para depois as compararmos com Mateus:

Mc 6,45-51: *"Logo em seguida Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca e ir na frente para **Betsaida**, enquanto ele despedia a multidão. Logo depois de se despedir da multidão subiu ao monte para rezar. Ao anoitecer, a barca estava no meio do mar e Jesus sozinho em terra. Viu que os discípulos estavam cansados de remar, porque o vento era contrário. Então, entre as três e as seis horas da madrugada, Jesus foi até os discípulos **andando sobre o mar**, e queria passar na frente deles. Quando os discípulos o avistaram andando sobre o mar, pensaram que era um fantasma e começaram a gritar. Com efeito, todos o tinham visto e ficaram assustados. Mas Jesus logo falou: 'Coragem! Sou eu, não tenham medo!' **Então subiu com eles na barca. E o vento parou**. Mas os discípulos ficaram ainda mais espantados, [...]"*

Jo 6,16-21: *"Ao cair da tarde, os discípulos de Jesus desceram ao mar. Entraram na barca e foram em direção a **Cafarnaum**, do outro lado do mar. Já era noite, e Jesus ainda não tinha ido ao encontro deles. Soprava vento forte e o mar estava agitado. Os discípulos tinham remado mais ou menos cinco ou seis quilômetros, quando viram*

**Jesus andando sobre as águas** e aproximando-se da barca. Então ficaram com medo, mas Jesus disse: "Sou eu. Não tenham medo". **Eles quiseram recolher Jesus na barca**, mas nesse instante a barca chegou à margem para onde estavam indo".

Relatos mais ou menos de mesmo teor, a não ser a questão do local, que em Marcos é dito que iam para Betsaida e em João para Cafarnaum. Embora essas duas localidades se distanciassem cerca de uns 7 km uma da outra, permanece o conflito. Acrescente a este fato a circunstância de que, em Marcos, Jesus teria subido na barca, enquanto em João, pelo fato de terem chegado à margem, não deu tempo de Jesus embarcar.

Já no relato de Mateus as coisas se complicam mais ainda, pois há acréscimo de um fato não relatado pelos dois anteriores; senão vejamos:

Mt 14,22-27: "Logo em seguida, Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca, e ir na frente, para o outro lado do mar, enquanto ele despedia as multidões. Logo depois de despedir as multidões, Jesus subiu sozinho ao monte, para rezar. Ao anoitecer, Jesus continuava aí sozinho. A barca, porém, já longe da terra, era batida pelas ondas, porque o vento era contrário. Entre as três e as seis da madrugada, Jesus foi até os discípulos, **andando sobre o mar**. Quando os discípulos o avistaram, andando sobre o mar, ficaram apavorados, e disseram: 'É um fantasma!' E gritaram de medo. Jesus, porém, logo lhes disse: "Coragem! Sou eu. Não tenham medo".

Mt 14,28-30: "Então Pedro lhe disse: 'Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água'. Jesus respondeu: 'Venha'. Pedro desceu da barca, e começou a andar sobre a água, em direção a Jesus. Mas ficou com medo quando sentiu o vento e, começando a afundar, gritou: 'Senhor, salva-me'. Jesus logo estendeu a mão, segurou Pedro, e lhe disse: 'Homem fraco na fé, por que você duvidou?'"

Mt 14,31-32: "**Então eles subiram na barca. E o vento parou. Os que estavam na barca se ajoelharam diante de Jesus, dizendo: 'De fato, tu és o Filho de Deus'".**

Dividimos a narrativa de Mateus (14,22-32) em três partes, para facilitar o entendimento, quanto aos dois pontos que iremos abordar: o fato de Jesus andar sobre o mar e o episódio de Pedro.

Em relação ao primeiro ponto, podemos dizer que não se trata de algo inusitado, porquanto pode-se ver histórias iguais sendo contadas:

Nas antigüíssimas esculturas da Índia **existem representações de "Rama" caminhando sobre as águas** (Révue – Les Arts nº 57 – setembro 1906)" (LETERRE, 2004, p. 158). (grifo nosso).

Dois famosos milagres atribuídos a Jesus foram certamente extraídos de lendas budistas: o milagre dos peixes e dos pães, e o poder de caminhar sobre as águas. [...]

**No Dighanikaya e no Majjhimanikaya, os mais antigos textos budistas, a capacidade de andar sobre as águas é expressamente relacionada entre os muitos poderes mágicos do Buda.** No *Mahavamsa*, conta-se como **Gautama atravessou o Ganges flutuando sobre a superfície**. Na Índia ao tempo de Buda, o poder paranormal de caminhar sobre as águas não era uma novidade. Sabemos pelos Vedas da existência de santos dotados dessa capacidade.

[...]

Numa das mais impressionantes edificações budistas, o Monumento Sanchi, está gravada em relevo a imagem da caminhada sobre as águas. Esse monumento foi erigido entre o segundo e o primeiro século antes de Cristo. As ilustrações sobre a vida de Buda mostram a rapidez com que essas lendas se espalharam, uma vez que essas representações nos permitem presumir que elas já eram amplamente conhecidas. Naquela época, devido à grande reverência que o Buda inspirava, sua imagem não era representada. A imagem da apresentação do príncipe Rahula ao Buda gravada no Monumento Amaravati (ilustração 24) mostra muitas pessoas prestando reverência diante de um trono vazio, onde as almofadas, um banco baixo e as impressões dos dois pés simbolizam a presença de Buda. A caminhada confiante do Buda sobre as águas é representada no Monumento Sanchi através de um banco de pedra vazio em

meio à torrente.

[...]

O teólogo Nobert Klatt provou que o tema da caminhada sobre as águas era totalmente desconhecido do judaísmo pré-cristão, e que as passagens do Livro de Jó e dos Salmos citadas pela maioria dos exegetas em sua interpretação do incidente não podem ser relacionadas com o Novo Testamento. **São tão numerosas as coincidências nos relatos das caminhadas de Jesus e do Buda sobre as águas que, seguindo a análise de Klatt, passaremos a enumerá-las a seguir:**

1. Tanto Jesus quanto Buda estão sozinhos num lugar ermo.
2. Ambos estão absortos numa prática religiosa (oração/meditação).
3. Ambos caminham de um lado para o outro sobre a água – uma descrição na qual a versão páli e o texto grego usam os mesmos termos.
4. Em ambos os casos as águas são turbulentas.
5. Ambas as narrativas se dirigem a discípulos/Kassapa.
6. Tanto Kassapa quando os discípulos estão numa barca.
7. Os que estão na barca se assustam com o homem que caminha sobre as águas.
8. Eles não sabem quem é o homem que caminha sobre as águas e o interrogam.
9. Tanto Jesus quanto o Buda se identificam com as palavras “sou eu”.
10. Os homens desejam que o caminhante suba à barca.
11. Jesus e o Buda entram na barca.

**Como vimos, são tantas as correspondências que as duas histórias podem ser consideradas praticamente idênticas.** (KERSTEN e GRUBER, 1996(?), p. 143-147) (grifo nosso).

Comparando-se com as narrativas anteriores, vemos que o que Mateus cita nos versículos 28 a 30, exatamente o nosso segundo ponto, não é mencionado por Marcos nem João e Lucas nem sequer faz alusão a esse episódio. Tem tudo para ser uma adição copiada do budismo:

Em Mateus (14:28-33), mas não em Marcos e em João, o apóstolo Pedro tenta caminhar sobre as águas, mas começa a afundar. **Esse episódio é incrivelmente semelhante ao descrito no verso 190 da introdução ao *Jataka*, no qual Sariputta, discípulo de Gautama, também tenta seguir o mestre sobre as águas** porque não consegue encontrar a balsa na margem do rio Aciravati. Num estado de profunda contemplação, ele começa a atravessar o rio, mas as altas ondas o arrancam do estado meditativo e ele começa a afundar. No entanto, logo que retoma sua meditação, pode continuar caminhando sobre a água sem perigo. Nem Sariputta nem Pedro conseguiram caminhar sem esforço sobre as águas traiçoeiras, o que só é possível para alguém que tenha atingido um estágio avançado na arte da contemplação e da entrega. Pedro afunda porque lhe falta confiança, por causa da “falta de fé” que Jesus reprova nele. **Tão exata correspondência só pode se dever a uma apropriação.** (KERSTEN e GRUBER, 1996(?), p. 147).

É... parece que as histórias sobre Buda, novamente, influenciaram o autor bíblico. Isso coloca num dilema aqueles que acreditam que todos os autores bíblicos foram inspirados pelo Espírito Santo, quando escreviam seus textos. Geralmente, tomam para justificar a inspiração o teor do seguinte passo: *“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça”*. (2Tm 3,16). Entretanto, não se pode deixar de levar em conta que quem quer que seja o seu autor, ele não tinha em mãos a Bíblia como a conhecemos hoje; no máximo, poderia estar se referindo à Bíblia hebraica, porquanto os textos do Novo Testamento ainda não haviam sido agregados aos do Antigo para formar a Bíblia cristã. Dessa forma, teriam apenas que aceitar como inspirados os autores do Antigo Testamento; porém, na prática, não é o que fazem. Sobre isso, que é um assunto mais específico, recomendamos nosso texto: *“Todo Escritura é mesmo inspirada?”*, disponível em nosso site: [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)

Pastorino afirma que o último versículo, onde se lê: "*De fato, tu és o Filho de Deus*" (Mt 14,32), na verdade, tem a seguinte tradução: "verdadeiramente és **um** filho de Deus", explicando a divergência do artigo definido no primeiro, para o indefinido no segundo texto da seguinte forma:

**O texto grego está sem artigo.** Não é, pois, uma confissão da Divindade de Jesus, como pretendem alguns. Temos que compreender a mentalidade e a psicologia dos israelitas, sobretudo naquela época: rigidamente monoteístas, não podiam jamais cogitar de outro Deus além do único Deus, a quem Jesus chamava "O PAI", repetindo exaustivamente que era "o único Deus". Entretanto, eles sabiam que havia os "filhos de mulher" (homens sujeitos ao "kyklos anánke" ou ciclo fatal das encarnações por meio da mulher) e os "filhos do homem" (criaturas que já se haviam libertado da evolução na etapa humana), mas havia também os "filhos de Deus" (seres excepcionais acima de qualquer classificação que não fosse a comparação de "ligados à Divindade", os seres (que hoje chamaríamos "avatares") em que Se manifesta a Divindade, os Cristos ou Buddhas. (PASTORINO, 1964b, p. 103) (grifo nosso).

E apenas para registrar mais alguns passos nos quais podemos identificar problemas na "inspiração":

Mt 27,39-44: "As **peessoas** que passavam por aí, o **insultavam**, balançando a cabeça, e dizendo: "Tu que ias destruir o Templo, e construí-lo em três dias, salve-te a ti mesmo! Se é **o Filho de Deus**, desce da cruz!" Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei e os anciãos, também zombavam de Jesus: "A outros ele salvou... A si mesmo não pode salvar! É Rei de Israel... Desça agora da cruz, e acreditaremos nele. Confiou em Deus; que Deus o livre agora, se é que o ama! **Pois ele disse: Eu sou Filho de Deus**". Do mesmo modo, também **os dois bandidos que foram crucificados com Jesus o insultavam**".

Mc 15,29-32: "As **peessoas** que passavam por aí o **insultavam**, balançando a cabeça e dizendo: 'Ei! Você que ia destruir o Templo, e construí-lo de novo em três dias, salve-se a si mesmo! Desça da cruz!' Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei, zombavam dele dizendo: 'a outros ele salvou... A si mesmo não pode salvar! O Messias, o rei de Israel... Desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!' **Os que foram crucificados com Jesus também o insultavam**".

Lc 23,35-43: "O povo permanecia aí, olhando. **Os chefes, porém, zombavam** de Jesus, dizendo: 'A outros ele salvou. Que salve a si mesmo, **se é de fato o Messias de Deus, o Escolhido!**' Os soldados também caçoavam dele. Aproximavam-se, ofereciam-lhe vinagre, e diziam: 'Se tu és o rei dos judeus, salva a ti mesmo!' Acima dele havia um letrado: 'Este é o Rei dos judeus'. Um dos criminosos crucificados o insultava, dizendo: 'Não és tu o Messias? Salva a ti mesmo e a nós também!' Mas o outro o repreendeu, dizendo: 'Nem você teme a Deus, sofrendo a mesma condenação? Para nós é justo, porque estamos recebendo o que merecemos; mas ele não fez nada de mal'. E acrescentou: 'Jesus, lembra-te de mim, quando vieres em teu Reino'. Jesus respondeu: 'Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso'".

Divergências entre as narrativas: os circunstantes diziam "Salva a ti mesmo", por que supunham que ele era o Messias ou por que não aceitavam ser ele rei dos judeus? Pela versão de Mateus e Marcos os que caçoavam foram as pessoas e os chefes dos sacerdotes, enquanto em Lucas, se diz terem sido esses últimos e os soldados. Quem está relatando a verdade? Os dois bandidos o insultavam ou apenas um deles? Por qual motivo no Evangelho de João nada foi falado sobre o que realmente fizeram os dois bandidos? Por que só em Mateus aparece a expressão "Filho de Deus", inclusive afirmando que Jesus tenha dito isso? Por que só em Lucas temos a hipotética promessa de Jesus ao "bom" ladrão: "*Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso*"? Será que Lucas não sabia que Jesus ressuscitara três dias após ser crucificado?

Mt 27,45-54: "*Desde o meio-dia até às três horas da tarde houve escuridão sobre toda*

a terra. Pelas três horas da tarde Jesus deu um forte grito: 'Eli, Eli, lamá sabactâni?', isto é: 'Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?' ... Jesus deu outra vez um forte grito, e entregou o espírito. **Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, e as pedras se partiram. Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram.** Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, apareceram na Cidade Santa, e foram vistos por muitas pessoas. **O oficial e o soldados** que estavam com ele guardando Jesus, ao notarem o **terremoto** e tudo o que havia acontecido, ficaram com muito medo, e disseram: '**De fato, ele era mesmo Filho de Deus!**'

Mc 15,33-39: "Ao chegar o meio-dia, até às três horas da tarde, houve escuridão sobre toda a terra. Pelas três horas da tarde, Jesus deu um forte grito: 'Eloi, Eloi, lamá sabactâni?', que quer dizer: 'Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?' ... Jesus lançou um forte grito, e expirou. Nesse momento, a cortina do santuário se rasgou de alto a baixo, em duas partes. **O oficial do exército**, que estava bem na frente da cruz, viu como Jesus havia expirado, e disse: "**De fato, esse homem era mesmo Filho de Deus!**"

Lc 23,44-47: "Já era mais ou menos meio-dia, e uma escuridão cobriu toda a região até às três horas da tarde, pois o sol parou de brilhar. A cortina do santuário rasgou-se pelo meio. Então Jesus deu um forte grito: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito." Dizendo isso, expirou. **O oficial do exército** viu o que tinha acontecido, e glorificou a Deus, dizendo: "**De fato! Esse homem era justo!**"

No Evangelho de João nada encontramos sobre o fenômeno "escuridão sobre **toda a terra**", como narra Marcos; ou teria sido só localizada, escurecendo só a região? "A terra tremeu e as pedras se partiram" parece-nos a descrição de um terremoto, isso que Mateus descreve; daí surge a dúvida: como algo tão "estrondoso" assim não foi registrado pelos outros evangelistas?

Segundo Mateus, no momento da morte de Jesus "os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram"; relevando o fato de que Mateus é o único que fala disso, não conseguimos entender o que "santos falecidos" ficaram fazendo, pois somente depois da ressurreição de Jesus é que eles saíram dos túmulos??!!

Mateus menciona o oficial e os soldados, enquanto Marcos e Lucas mencionam que foi somente o oficial que disse algo diante dos acontecimentos; quem tem razão? Em Mateus todos os fenômenos – escuridão, terremoto – foram o motivo deles dizerem "De fato, ele era mesmo Filho de Deus!", fala bem estranha partindo de romanos, que não esperavam nenhum Messias; porém, a frase em Lucas, "Esse homem era justo", dita somente pelo oficial, complica ainda mais a situação do "inspirador" dos textos bíblicos.

Mt 26, 63-66: "[...] E o sumo sacerdote disse: 'Eu te conjuro pelo Deus vivo que **nos digas se tu és o Messias, o Filho de Deus**'. Jesus respondeu: '**É como você acabou de dizer.** Além disso, eu lhes digo: de agora em diante, vocês verão **o Filho do Homem** sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu'. Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes, e disse: 'Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Pois agora mesmo vocês ouviram a blasfêmia. O que vocês acham?' Responderam: 'É réu de morte!'".

Mc 14,60-64: "O sumo sacerdote o interrogou de novo: '**És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?**' Jesus respondeu: '**Eu sou.** E vocês verão o **Filho do Homem** sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu'. Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes, e disse: 'Que necessidade temos ainda de testemunhas? Vocês ouviram a blasfêmia! O que parece a vocês?' Então todos eles decretaram que Jesus era réu de morte".

"Lc 22,66-71: "Ao amanhecer, os anciãos do povo, os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei se reuniram em conselho, e levaram Jesus para o Sinédrio. E começaram: 'Se tu és o Messias, dize-nos!' Jesus respondeu: 'Se eu disser, vocês não acreditarão, e, se eu lhes fizer perguntas, não me responderão. Mas de agora em diante, **o Filho do Homem** estará sentado à direita do Deus Todo-poderoso'. Então

*todos perguntaram: 'Tu és, portanto, o Filho de Deus?' Jesus respondeu: 'Vocês estão dizendo que eu sou'; Eles disseram: 'Que necessidade temos ainda de testemunho? Nós mesmos ouvimos de sua própria boca!'"*

A resposta de Jesus ao sumo sacerdote (Mateus e Marcos) ou a todos (Lucas), não é a mesma em todas as narrativas: "É como você acabou de dizer" e "Eu sou", são como a concordância de Jesus com o que perguntaram, ou seja, estaria afirmando ser o Messias, o Filho de Deus. Entretanto, em Lucas, a fala de Jesus é outra: "Vocês estão dizendo que eu sou", texto esse que tem a conotação de negativa, deixando a responsabilidade sobre quem disse isso a terceiros. Em todas, vemos Jesus utilizar para si a designação de "Filho do homem", no sentido de que ele era ser humano e não um ser divino, como querem uns, ou semidivino, como sustentam outros.

Vejamos, agora, alguns passos que contêm a expressão "Filho de Deus" com as respectivas notas explicativas dos tradutores:

Mc 1,1: "*Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus*".

Nota 1: Este título não indica uma filiação de natureza, mas uma simples filiação adotiva (4,3+), que implica uma proteção de Deus sobre o homem que ele declara seu "filho" (Sb 2,18), especialmente sobre o rei que ele escolheu "2Sm 7,14-16; Sl 2,17). Om. "Filho de Deus". (Bíblia de Jerusalém, p. 1759).

Nota 2: "...*Filho de Deus*..." Esta adição aparece nos mss ABDW, Fam Pi, Fam 1 e Fam 13, juntamente com certo número de versões latinas e cópticas. É seguida pelas traduções ASV, AA, AC, BR (que assinala como duvidosa), NE, IB, KJ, PH, RSV e WY. Tais palavras são omitidas pelos mss Aleph (1), Theta, 28 e pelos pais da igreja Irineu, Orígenes, Basílio, Victor e Hieráclito (em algumas citações). As traduções GD e W; também as omitem. A evidência objetiva infelizmente está dividida exatamente pela metade. A grande questão, e aquela que sem dúvida favorece o texto mais abreviado, mostrando que o evangelho original de Marcos não continha tais palavras, é: Se estas palavras eram autênticas, por que foram elas omitidas? Não existe razão alguma pela qual algum escriba, mesmo parcialmente ortodoxo, haveria de omiti-las. Parece melhor dizermos, portanto, que essas palavras foram acrescentadas em uma data bem remota. [...] (CHAMPLIN, 2005b, p. 663).

Jo 1,49: "*Natanael respondeu: 'Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel!'"*

Nota: Aqui, simples título messiânico, como "Rei de Israel" (cf Mt 4,3+) (Bíblia de Jerusalém, p. 1846)

Jo 11,27: "*Ela respondeu: 'Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo'"*

Nota: Como para Natanael (1,49), a expressão "Filho de Deus" é simples título messiânico (1,18+) (Bíblia de Jerusalém, p. 1873).

At 8,37: "*Filipe lhe disse: 'É possível, se você acredita de todo o coração'. O eunuco respondeu: 'Eu acredito que Jesus Cristo é o Filho de Deus!'"*

Nota: O v. 37 é glosa muito antiga, conservada no texto oc. E inspirada na liturgia batismal [...] (Bíblia de Jerusalém, p. 1916).

Consultado o Houaiss, temos que glosa é "anotação em um texto para explicar o sentido de uma palavra ou esclarecer uma passagem".

At 9,20: *"E logo começou a pregar nas sinagogas, afirmando que Jesus é o **Filho de Deus**".*

Nota: "Filho de Deus" corresponde a "Cristo" do v. 22 (cf Mt 4,3+). O título de "Filho de Deus" reaparece nos Atos apenas em 13,33. É característico da cristologia paulina (Gl 1,16; 2,20; 4,4.6; Rm 1,3-4.9; 1Ts 1,10; cf. Rm 9,5+). (Bíblia de Jerusalém, p. 1917).

O interessante é que Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1,19), também considerava Deus como nosso pai; senão, vejamos:

Tg 1,27: *"A religião pura e imaculada diante de **nosso Deus e Pai** é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo".*

Tg 3,9: *"Com ela bendizemos **ao Senhor e Pai**, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus".*

Resta-nos ainda ver Paulo, que nas cartas, que lhe são atribuídas, tem, quase como padrão, a seguinte saudação:

Rm 1,7: *"[...] Graça a vós, e paz da parte de **Deus nosso Pai**, e do Senhor Jesus Cristo".*

Igual saudação ou com pequena diferença pode ser encontrada nas suas cartas aos: coríntios, gálatas, efésios, filipenses, colossenses, tessalonicenses, a Timóteo, a Tito e a Filêmon (1Cor 1,3; 2Cor 1,2; Gl 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Cl 1,2; 1Ts 1,1; 3,11; 2Ts 1,1; 2,16; 1Tm 1,2; 1Tm 1,2; Tt 1,4; Fm 1,3).

Em algumas passagens podemos ver, bem claramente, como as pessoas daquela época consideravam Jesus:

Lc 24,19-20: *"Jesus perguntou: 'O que foi?' Os discípulos responderam: 'O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que **foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram**".*

Jo 7,40: *"Ouvindo essas palavras, alguns diziam no meio da multidão: '**De fato, este homem é mesmo o Profeta!**'"*

Jo 9,17: *"E havia divisão entre eles. Perguntaram outra vez ao que tinha sido cego: 'O que você diz do homem que abriu seus olhos?' Ele respondeu: '**É um profeta**'".*

At 2,22: *"Homens de Israel, escutem estas palavras: **Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem**".*

At 3,13-14: *"O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos antepassados glorificou o seu **servo Jesus**. Vocês o entregaram e o rejeitaram diante de Pilatos, que estava decidido a soltá-lo. Vocês, porém, renegaram **o Santo e o Justo**, e pediram clemência para um assassino.*

Dessa forma, fica provado que viam a Jesus como um homem, profeta, santo e justo, e não como um ser especial: divino ou semidivino.

Resta-nos, agora, apresentar algumas opiniões de estudiosos bíblicos, visando um maior esclarecimento do assunto.

1) Ernest Renan (1823-1892)

Que jamais Jesus tenha pensado em se fazer passar por uma encarnação do próprio Deus, é uma coisa que não pode duvidar. Tal ideia era profundamente

estranha ao espírito do Judaísmo; não há nenhum vestígio dela nos Evangelhos sinóticos [25], só a encontramos indicada nas partes do quarto Evangelho que menos podem ser aceitas como um eco do pensamento de Jesus. Às vezes parece que Jesus toma precauções para repelir tal doutrina [26]. A acusação de passar por Deus, ou igual a Deus, é apresentada, mesmo no quarto Evangelho, como uma calúnia dos judeus [27]. Nesse último Evangelho, Jesus se declara menor que seu Pai [28]. Em outro, lugar, confessa que o Pai não lhe revelou tudo [29]. Ele se toma por um homem além do comum, mas separado de Deus por uma distância infinita. **Ele é filho de Deus; mas todos os homens o são ou podem tornar-se em diversos níveis** [30]. Todos, a cada dia, devem chamar a Deus seu pai; todos os ressuscitados serão filhos de Deus [31]. No Antigo Testamento a filiação divina era atribuída a seres que não se pretendia, de forma alguma, igualar a Deus [32]. A palavra “filho”, nas línguas semíticas e na língua do Novo Testamento, tem as mais variadas acepções [33]. Além disso, a ideia que Jesus faz do homem não essa ideia humilde que um frio deísmo introduziu. Em sua poética concepção da natureza, um único sopro permeia o universo: o sopro do homem é o de Deus. Habitando no homem, Deus vive pelo homem, assim como o homem que habita em Deus vive por Deus [34]. O idealismo transcendente de Jesus nunca lhe permitiu ter uma visão clara de sua própria personalidade. Ele é seu pai, seu Pai é ele. Ele vive em seus discípulos, está em toda parte com eles [35]; seus discípulos são um, como ele e seu Pai são um [36]. A ideia, para ele, é tudo; o corpo, que faz a distinção das pessoas, não é nada.

**O título de “Filho de Deus”, ou simplesmente “Filho” [37] aparece para Jesus, desse modo, como um título análogo a “Filho do Homem” e, como este, sinônimo de “Messias”, com a única diferença que ele se autodenominava “Filho do Homem” e que parece não ter feito o mesmo uso da expressão “Filho de Deus” [38].** O título de Filho do Homem exprime sua qualidade de juiz; o de Filho de Deus, sua participação nos desígnios supremos e o seu poder. Esse poder não tem limites. Seu Pai lhe deu todo o poder. Ele tem o direito de modificar até o sabá [39]. Ninguém conhece o Pai, a não ser por meio dele [40]. O Pai lhe transmitiu o direito de julgar [41]. A natureza lhe obedece; mas ele também obedece a quem quer que creia e ore; a fé tudo pode [42]. É preciso se lembrar de que, nem em seu espírito nem no dos seus ouvintes, nenhuma ideia das leis da natureza aparecia como limite intransponível. As testemunhas de seus milagres agradecem a Deus “por ter dado tais poderes aos homens” [43]. Ele remove os pecados [44] ele é superior a Davi, a Abraão, a Salomão, aos profetas [45]; Não sabemos sob que forma e em que medida eram produzidas essas afirmações. Jesus não deve ser julgado sob as regras de nossas mesquinhas conveniências. A admiração de seus discípulos o preenchia e o arrebatava. É evidente que o título de rabi, com o qual ele se contentara inicialmente, não lhe bastava mais; o próprio título de profeta ou de enviado de Deus não mais correspondia ao seu pensamento. A posição que ele se atribuía era a de um ser sobre-humano, e ele queria ser visto como alguém que tinha com Deus um contato mais elevado que o dos outros homens. Mas é preciso notar que esses termos “sobre-humano” e “sobrenatural”, tirados de nossa teologia mesquinha, não tinham sentido na alta consciência religiosa de Jesus. Para ele, a natureza e o desenvolvimento da humanidade não eram reinos limitados fora de Deus, raquíticas realidades, sujeitas a leis de um rigor desesperante. Para ele não havia sobrenatural, pois não havia natureza. Embriagado de amor infinito, ele se esquecia da pesada corrente que prende o espírito cativo. Atravessava de um salto o abismo, intransponível para a maioria, que a mediocridade das faculdades humanas traça entre o homem e Deus.

Não se poderia desconhecer nessas afirmações de Jesus o germe da doutrina que devia, mais tarde, fazer dele uma substância divina identificando-o com o Verbo, ou “Deus segundo” [47] ou primogênito de Deus [48] ou Anjo Metátrono [49] que a teologia judaica, por outro lado, criava [50]. Uma espécie de necessidade levava essa teologia, para corrigir o extremo rigor do velho monoteísmo, a pôr perto de Deus um assessor, ao qual o Pai supostamente teria delegado o governo do universo. A crença de que certos homens são encarnações de faculdades ou de “poderes” divinos começava a se espalhar; os samaritanos possuíam, à mesma época, um taumaturgo que se identificava com “a grande virtude de Deus” [51]. Havia quase dois séculos que os espíritos especulativos do judaísmo se deixavam levar pela tendência de criar pessoas distintas com atributos divinos ou certas expressões que remetiam à divindade. Assim é que o “Sopro de Deus”, do qual se trata frequentemente no Antigo

Testamento, é considerado como um ser à parte, o “Espírito Santo”. Da mesma forma, a “Sabedoria de Deus”, “Palavra de Deus” tornam-se pessoas existentes por si própria. Era o germe do processo que engendrou os sefirotos da cabala, os eões do gnosticismo, as hipóstases cristãs, toda essa mitologia seca, consistindo de abstrações personificadas, às quais o monoteísmo é obrigado a recorrer quando quer introduzir a multiplicidade em Deus.

[25] Certas passagens, como Atos, II, 22, a excluem formalmente.

[26] Mat. IV, 10; VII, 21, 22; XIX, 17; Marc. I, 44; III, 12; X, 17, 18; Luc., XVIII, 19.

[27] João V, 18 e seg.; X, 33 e seg.

[28] João XIV, 28.

[29] Marc., XIII, 35.

[30] Mat. V, 9,45; Luc. III, 38; VI, 35; XX, 36; João, 1, 12-13; X, 34-35, Comp. Atos, XVII, 28-29; Rom. VII, 14-17, 19, 21, 23; IX, 26; II Cor. VI, 18; Gálat. III, 26; IV, I e seg.; Fil. II, 15; epístola de Barnabé, 14 (p. 10, Hilgenfeld, segundo o *Codex Sinaiticus*).e, no Antigo Testamento, Deuter. XIV, 1 e sobretudo Sabedoria II, 13, 18.1

[31] Luc. XX, 36.

[32] Gen. VI, 2; Jó I, 6; II, 1; XXVIII, 7; Salmo II, 7; LXXXII, 6; VII, 14.

[33] O filho do diabo (Mat., XIII, 38; Atos, XIII, 10); os filhos deste mundo (Marc., III, 17; Luc., XVI, 8; XX, 34); os filhos da luz (Luc., XVI, 8; João, XII, 36); os filhos da ressurreição (Luc., XX, 36); os filhos do reino (Mat., VIII, 12; XIII, 38); os filhos do esposo (Mat., IX, 15; Marc., II, 19; Luc., V, 34); os filhos da geena (Mat., XXIII, 15); os filhos da paz (Luc., X, 6), etc. Lembremos que o Júpiter do paganismo é *pater andron te theon te*.

[34] Comp. Atos, XVII, 28.

[35] Mat. XVIII, 20; XXVIII, 20.

[36] João X, 30; XVII, 21. Ver, em geral, os últimos discursos relatados pelo quarto Evangelho, principalmente o cap. XVII, que exprimem bem um lado do estado psicológico de Jesus, embora não se possa encarar-los como verdadeiros documentos históricos.

[37] As passagens que confirmam isso são muito numerosas para serem Citadas aqui.

[38] Apenas no quarto Evangelho Jesus emprega a expressão “Filho de Deus” ou “Filho” como sinônimo do eu. Mat., XI, 27 XXVIII, 19; Marc., XIII, 32; Luc., X, 22, a apresentam apenas empregos indiretos. Além disso, Mateus, XI, 27, e Luc., X, 22 representam no sistema sinótico uma tardia intercalação, concordando com o tipo dos discursos joaninos.

[39] Mat. XII, 8; Lucas, VI, 5.

[40] Mat. XI, 27; XXVIII, 18; Luc., X, 22.

[41] João V, 22.

[42] Mat. XVII 18-19 Luc XVII 6

[43] Mat. IX, 8.

[44] Mat., IX, 2 e seg.; Marc II, 5 e seg.; Luc. V, 20; VII, 47-48.

[45] Mat. XII, 4 1-42; XXII, 43 e seg; Marc. XII, 6; João, VIII, 25 e seg.

[46] Ver principalmente João, XIV e seg.

[47] Fílon citado em Eusébio, *Proep. evang.*, VII, 13.

[48] Fílon, *De migr. Itbraham*, § 1; *Quod Deus immut.*, § 6; *De confus. ling.*, § 14 e 28; *De profugis*, § 20; *De somniis*, I, § 37; *De agric. Noë*, § 12; *Quis rerum divin. haeres*, § 25 e seg.; 48 e seg., etc.

[49] Metátrono quer dizer que participa do trono de Deus; espécie de secretário divino, sendo responsável pelo registro dos méritos e deméritos; *Bereschith rabba*, V, 6 c; Talm. da Bab., *Sanedr.*, 38 b; *Chagiga*, 15 a; Targum de Jonathan, *Gen.*, V, 24.

[50] Essa teoria do *Lógos* não contém elementos gregos. As comparações feitas com o *Honover* dos parses também não têm fundamento. O *Minokhired* ou “inteligência divina” tem bastante analogia com o *Lôgos* judeu (Ver os fragmentos do livro intitulado *Minokhired* em Spiegel, *Parsi-Grammatik*, p. 161-162). Mas o desenvolvimento que a doutrina do *Minokhired* tomou entre os parses é moderno e pode implicar uma influência estrangeira. A “inteligência divina” (*Mainyu-Khratû*) figura nos livros zendes, mas ela não serve de ara teoria; entra somente em algumas invocações. As comparações tentadas entre a teoria dos judeus e dos cristãos sobre o Verbo e certos e certos pontos da teologia egípcia podem ter algum valor, mas não bastam para provar que a referida teoria tenha vindo do Egito.

[51] Atos VIII, 10.

(RENAN, 2004, p. 260-264) (grifo nosso)

## 2) Jean Dupuis (1829-1912)

Além disso, segundo Dupuis, toda essa alegoria de Pai e Filho é a perfeita reprodução de todas as mitologias antigas, chamadas pagãs, baseadas, aliás, cientificamente, sobre os mapas celestes ou planisférios estrelados, em que **Mitra, Osíris, Baco**, etc. Já eram considerados, pelos diversos povos, como **Filhos de Deus**, sendo Deus alegoricamente representado pelo **Filho**, que era o Sol, como ainda

teremos ocasião de repisar. (LETERRE, 2004, p. 100).

### 3) H. Spencer Lewis (1883-1939)

Posso acrescentar que nossos próprios registros de tradições antigas e escrituras sagradas **contêm muitas referências a movimentos religiosos da antiguidade, cujo grande líder era considerado "O Filho de Deus"**.

A Índia teve um grande número de Avatares ou Mensageiros Divinos, Encarnados por Concepção Divina, tendo dois deles levado o nome de "Chrishna", ou "Chrishna o Salvador". Consta que Chrishna nasceu de uma virgem casta chamada Devaki que, por sua pureza, fora escolhida para se tornar a mãe de Deus. Neste exemplo, encontramos a antiga história de uma virgem dando à luz um mensageiro de Deus divinamente concebido.

Buda foi considerado por todos os seus seguidores como *gerado por Deus* e nascido de uma virgem chamada Maya ou Maria. Nas antigas histórias sobre o nascimento do Buda, tais como são compreendidas por todos os orientais e como são encontradas em seus escritos sagrados muito anteriores à Era Cristã, vemos como o poder Divino, chamado o Espírito Santo, desceu sobre a virgem Maya. Na antiga versão chinesa dessa história, o *Espírito Santo* é chamado *Shing-Shin*.

Os siameses tinham igualmente um deus e salvador nascido de uma virgem e que eles chamaram Codom. Nesta velha história, a bela e jovem virgem fora informada com antecedência de que se tornaria mãe de um grande mensageiro de Deus e, um dia, enquanto fazia seu período usual de meditação, concebeu através de raios de sol de natureza Divina. O menino nasceu e cresceu de maneira singular e notável, tornou-se um protegido da sabedoria e fez milagres.

Quando os primeiros europeus visitaram o Cabo Comorim, na extremidade sul da península do Indústão, surpreenderam-se ao encontrar os naturais do lugar, que nunca haviam tido contato com as raças brancas, cultuando um Senhor e *Salvador* que fora divinamente concebido e nascera de uma virgem.

E quando os primeiros missionários jesuítas visitaram a China, escreveram em seus relatórios que havia ficado consternados por encontrarem na religião pagã daquela terra a história de um mestre redentor que nascera de uma virgem por concepção divina. Ao que consta, esse deus havia nascido 3468 anos a.C. Lao-Tse, o famoso deus chinês, também nascera de uma virgem, de pele negra, sendo descrita como a bela e maravilhosa como o jaspe.

No Egito, bem antes do advento do cristianismo e muito antes do nascimento dos autores da Bíblia ou de qualquer doutrina concebida como cristã, o povo egípcio já tivera vários mensageiros de Deus nascidos de virgens por Concepção Divina. Hórus, segundo o sabiam todos os antigos egípcios, havia nascido da virgem Ísis, sendo sua Concepção e seu nascimento um dos três grandes mistérios ou doutrinas místicas da religião egípcia. Para eles, **todos os incidentes ligados à Concepção e ao nascimento de Hórus eram pintados, esculpidos, adorados e cultuados como o são os incidentes da Concepção e do nascimento de Jesus pelos cristãos de hoje**. Outro deus egípcio, Ra, nascera de uma virgem. Examinei uma das paredes de um antigo templo na margem do Nilo, onde há um belo quadro esculpido representando **o deus Tot – o mensageiro de Deus – dizendo à jovem Rainha Mautmes quedaria à luz um Divino Filho de Deus, que seria o rei e Redentor de seu povo**.

Ao nos voltarmos para a Pérsia descobrimos que Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido em plena inocência, pela concepção de uma virgem. Antigos entalhes e pinturas deste grande mensageiro mostram-no cercado por uma aura de luz que inundava o humilde local de seu nascimento. **Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina, e nos registros de seu tempo ele é chamado de Cristo ou Filho unigido de Deus e considerado mensageiro de Deus**. (LEWIS, 2001, p. 74-76) (grifo nosso).

### 4) Carlos T. Pastorino (1910-1980)

FILHO DE DEUS

Aqui dividem-se os exegetas, afirmando uns (Loisy "Les Evangiles Sinoptiques", t.2, pág. 604; M. Mailet, "Jesus, Fils de Dieu", pág. 52; Strack e Billerbeck, o.c., pág. 1.006, etc.), que a designação "Cristo" e "Filho de Deus" representam uma unidade, com o sentido único de "Messias".

Outros (Buzy, "Evangile selon Saint Marc", pág. 358; Durand, "Evangile selon Saint Matthieu", pág., 444; Prat, "Jesus-Christ, sa vie, sa doctrine, son oeuvre", t. 2, pág. 349, etc.) acham que a pergunta é dupla:

1.<sup>a</sup> se é o Cristo (Messias);

2.<sup>a</sup> se é o Filho de Deus no sentido metafísico e teológico, ou seja, se é a "segunda pessoa da santíssima Trindade".

Estes últimos não observaram o anacronismo dessa interpretação, pois a teoria da Trindade só se foi plasmando lentamente, chegando ao ponto atual séculos mais tarde. Mas aqui só nos interessa estudar o sentido, na época, da expressão "Filho de Deus" e seu desenvolvimento nas primeiras décadas, a fim de provar que Caifás jamais pôde entender sua pergunta nesse segundo sentido.

O mosaísmo era estritamente monoteísta, não admitindo qualquer sombra de multiplicidade de "aspectos" na Divindade. Portanto é historicamente inadmissível que o Sumo-Sacerdote colocasse essa questão em termos teológicos, perguntando a um homem se era "Filho de Deus" *sensu stricto*.

**O judaísmo aceitava essa expressão alegoricamente, isto é, era possível a qualquer um ser "Filho de Deus" por ADOÇÃO, inclusive quando a aplicavam ao Messias esperado**, pois se baseavam no Salmo (2:7) que cantava: "Tu és meu filho, eu hoje te gerei". E qualquer judeu, sem nenhum perigo de blasfêmia, podia declarar-se "Filho de Deus" em sentido amplo, como empregou Pedro (Mat. 16:16) para afirmar que Jesus era "o Cristo, o Filho do Deus vivo" (cfr. vol. 4).

A partir daí temos, pois, três sentidos que se foram superpondo no decurso dos séculos:

a) FILHO DE DEUS em sentido metafórico ou alegórico, segundo o pensamento judaico: filho POR ADOÇÃO;

b) FILHO DE DEUS no sentido físico ou material (carnal), por influência do paganismo: um Deus fecundava uma mulher, produzindo um filho;

c) FILHO DE DEUS no sentido metafísico ou teológico: consubstancial com a Divindade.

## I - FILHO POR ADOÇÃO

Nos "Atos dos Apóstolos" encontramos Jesus apresentado como "um homem de quem Deus deu testemunho e através do qual fez prodígios e sinais" (At. 2:22). Em Atenas, Paulo diz que Jesus é "o homem pelo qual Deus decidiu discriminar a humanidade" (At. 17:31). Era, pois, o Filho de Deus no sentido metafórico: "Sirvo a Deus, pregando seu Filho" (Rom. 1:9); "Deus vos chamou à sociedade de seu filho Jesus, o Cristo" (1.<sup>a</sup> Cor. 1:9); "o Cristo Jesus, Filho de Deus, que vos pregamos" (2.<sup>a</sup> Cor. 1:19), etc.; tudo isso decorre do Salmo citado "Tu és meu filho, eu hoje te gerei", composto em homenagem de um príncipe macabeu (João Hircan?) mas atribuído a Jesus desde os primórdios por Seus discípulos (cfr. At. 13:33 e Hebr. 1:5 e 5:5). Para os primeiros cristãos, esse Salmo foi a patente da realeza de Jesus como filho de David.

Mas essa filiação divina é encontrável em outros passos do Antigo Testamento, tendo sido sempre interpretada como filiação ADOTIVA, não sendo considerado blasfêmia dizer-se, nesse sentido, Filho de Deus, como não o era afirmar-se o "Messias".

No Êxodo (4:22-23) lemos "Assim diz YHWH: Israel é meu filho primogênito... deixa ir meu filho". No Deuteronômio (14:1), falando a todo o povo, está: "Sois filhos de YHWH vosso Deus". Isaías (63:16) escreveu: "Pois tu és nosso Pai ... agora, YHWH, és nosso Pai". Em Jeremias (31:9) YHWH assevera: "Tornei-me Pai de Israel". No livro da Sabedoria, de Salomão, o autor descreve vividamente, no capítulo 2, o comportamento das criaturas do Anti-Sistema, que infalivelmente investem contra as do Sistema (então como agora), dizendo entre outras coisas: "Cerquemos o justo porque é inútil para nós e contrário às nossas obras ... ele diz ter conhecimento de Deus e se diz Filho de Deus" (2:12-13). E, logo a seguir: "Ele julga-nos de pouca valia e se afasta de nosso modo de viver como de coisas imundas e prefere as sendas dos bons, glorificando-se de ter Deus como Pai. Vejamos, pois, se são verdadeiras suas palavras e verifiquemos qual será seu fim, e saberemos o resultado: se, com

efeito, é verdadeiro Filho de Deus, Ele o receberá e o livrará das mãos dos adversários" (Sab. 2:16-18). Também no Eclesiástico (4:11) lemos as palavras do mestre ao discípulo: "E tu serás obediente como um Filho do Altíssimo" e mais à frente (36:14): "Apiada-se de Israel, que igualaste a teu filho primogênito".

YHWH, pois, o Deus dos judeus, era Pai de todos os israelitas e, por extensão, de todos os homens, no pensamento de Paulo (cfr. Rom. 1:7; 1.ª Cor. 1:3; 2.ª Cor. 1:2; Ef. 1:2; Filp. 1:2; Col. 1:3; 2.ª Tes. 1:2; Gál. 1:3; 1.ª Tim. 1:2; Tito, 1:4, etc.)

Ainda em meados do 2.º século Justino escreve a Tryphon, o judeu (Diál. 48, 2; Patrol. Gr. vol. 6, col. 581; cfr. Lagrange, "Le Messianisme", pág. 218): "Entre vós reconhecem que Jesus é o Cristo (Messias), mesmo afirmando que ele é homem nascido de homens (*ánthrôpon ex anthrôpon genómenon*)".

## II - FILHO CARNAL DE DEUS

Até o final do 1.º século, a maioria dos cristãos provinha do judaísmo, mas a partir daí inverte-se a situação, e o número dos de origem pagã supera de muito o dos do judaísmo.

Ora, na mitologia do paganismo era comum encontrarem-se deuses que possuíam sexualmente mulheres mortais (geralmente virgens), dando origem a filhos: os semi-deuses, os heróis, os grandes vultos. Fácil foi adaptar essa concepção divina a Maria, supostamente possuída por um deus, para dar nascimento a um semi-deus, fato que Lucas (proveniente do paganismo e não do judaísmo) aceitou com facilidade, sendo reproduzida a cena com o seguinte diálogo (Luc. 1:34-35): "Como será, pois não conheço homem? - Um Espírito Santo virá sobre ti e o Poder do Altíssimo te cobrirá, POR ISSO o menino que nascerá de ti será chamado Filho de Deus".

Então Jesus passou a ser considerado fisicamente Filho de Deus, que nessa situação recebeu o nome de "Espírito-Santo".

Como se teria processado a concepção, a penetração do sêmen no útero de Maria? Na cena do mergulho ("Batismo") o Espírito Santo é apresentado numa forma semelhante a uma pomba, que afirma ser Jesus seu Filho. Teria sido essa forma apresentada também para a concepção de Jesus no ventre de Maria, à imitação da forma de cisne, assumida por Júpiter para fecundar Leda?

O mesmo Justino diz a Tryphon (1.ª Apol. 33, 4) que a concepção se deu sem que Maria perdesse a virgindade (*kyophorêsai parthênon oúsan pepoiêkê*).

Mas o judeu Tryphon objeta: "Nas fábulas gregas diz-se que Danae, ainda virgem, deu à luz Perseu, porque Júpiter a possuía sob a forma de uma chuva de ouro. Devias envergonhar-te de narrar a mesma coisa. Seria melhor dizeres que teu Jesus era um homem como os outros e demonstrar, pelas Escrituras, se puderes, que ele é o Cristo, porque sua conduta conforme a lei e perfeita lhe mereceu essa dignidade" (Diál. 67,2).

A isso Justino responde (Apol. 54, 2) com argumento fraco e infantil: "Sabendo os demônios, pelos profetas, que o Cristo devia vir, apresentaram muitos pretensos filhos de Júpiter, pensando que conseguiriam fazer passar a história de Cristo como uma fábula semelhante à invenção dos poetas".

Então, para os pagãos que chegavam ao cristianismo, era fácil aceitar que, como Júpiter o fazia, também o Deus dos judeus podia ter relações sexuais com Maria para gerar Jesus. (Notemos que a raiz de Júpiter - IAO pater - é a mesma de IAU-hé).

Logicamente a interpretação pagã de filho carnal de Deus era superior à ideia de simples filho adotivo, defendida pelos judeus.

## III - FILHO CONSUBSTANCIAL DE DEUS

O terceiro passo, que eleva Jesus a filho consubstancial de Deus é iniciado ainda pelo próprio Justino, figura que teve larga repercussão no segundo século da era cristã. Nasceu ele na cidade de Flávia Neápolis, a antiga e famosa cidade de Siquém, no ano 100, e aos trinta anos ingressou no cristianismo. Em suas obras (o "Diálogo" e as duas "Apologias", a 1.ª, ou grande e a 2.ª ou pequena) assistimos a toda a elaboração da doutrina teológica que predominaria mais tarde na igreja cristã romana.

Para Justino, depois de certo tempo, Jesus passa a ser Filho de Deus no sentido metafísico, ainda não eterno, como o Pai, pois foi gerado em determinado momento da eternidade, quando então recebe, legitimamente, o

título de "Filho" (2.<sup>a</sup> Apol. 6,3): "Seu Filho, o único que deve ser chamado Filho; (*homónos legómenos kyrios hyiós*), o Verbo que estava com Deus antes das criaturas (*ho lógos prò tôn poiematôn kai synón*), que foi gerado quando, no início, fez e elaborou todas as coisas por meio dele (*kai gennômenos hôte tèn archên di'autoú pánta éktise*)".

Teófilo ("Ad Aulólicum", 2, 22 e 2, 10) tenta explicar como e quando foi o Verbo gerado, e diz que a voz ouvida por Adão só pode ter sido o Verbo de Deus, que também é Filho, e "existe de toda eternidade, envolvido (*endiathêton*) no seio de Deus. Quando Deus quis criar o mundo, gerou o Verbo proferindo-o (*tòn lógon êgennêse prophorikón*) e fazendo dele o primogênito de toda a criação".

Mas tudo isso ocorria um século depois do interrogatório de Caifás, que jamais poderia compreender nem admitir o atributo de Filho de Deus, a não ser por adoção, como todo o povo israelita.

Concluindo, vemos que a pergunta do Sumo-Sacerdote NÃO PODE ser interpretada como filiação nem física nem metafísica do Inefável, mas apenas como filiação ADOTIVA, como aposto gramatical de MESSIAS. (PASTORINO, 1971, p. 91-94) (grifo nosso).

## 5) Geza Vermes (1924- )

### A metáfora de Deus "gerando" humanos

[...]

É de conhecimento geral que, antes do Novo Testamento, a Bíblia hebraica e os Manuscritos do Mar Morto falavam regularmente de "Filhos de Deus" e por vezes se referiam a Deus em linguagem figurativa como "gerando" ou "procriando" um ser humano. Na Bíblia e em escritos produzidos durante os séculos seguintes à conclusão do Antigo Testamento, "Filho de Deus" ocorre em uma variedade de sentidos. Além dos anjos já mencionados, **entre os humanos "Filho de Deus" era o título de qualquer pessoa considerada, de alguma forma, ligada a Deus. Qualquer israelita varão podia orgulhar-se de ser um "filho de Deus"**, e, reciprocamente, estava em posição de chamar Deus de seu Pai. Com o tempo, a expressão foi aplicada – de modo cada vez mais restrito – aos bons judeus, aos judeus especialmente santos, culminando como o rei dos judeus e por fim com o Messias, o mais sagrado e poderoso futuro soberano de Israel, sobre quem lemos no *Florilegium*, um dos Manuscritos do Mar Morto: "Eu serei seu Pai e ele será meu Filho. Ele é o Rebento de Davi" (Ver *Jesus the Jew*, de minha autoria, pp. 168-73)

[...]

Entre os especialistas, é universal a concordância de que no judaísmo a frase é sempre usada como metáfora; jamais designa uma pessoa que, segundo a crença, é simultaneamente homem e Deus, um ser humano que de alguma forma também compartilha a natureza divina. A esse respeito, sob o ponto de vista do monoteísmo, os habitantes judeus da Terra Santa se encontravam em uma posição privilegiada em comparação com os judeus e gentios que viviam fora da Palestina, em terras impregnadas pela cultura religiosa greco-romana, cheia de lendas sobre nascimentos miraculosos e divinamente ensejados de heróis e grandes líderes, do passado e do presente. (VERMES, 2007, p. 61-62) (grifo nosso).

## 6) Hans Küng (1928- )

Tendo em conta a profissão de fé apostólica, tenho que tratar a problemática da cruz e da ressurreição isoladamente, e debruçar-me mais aprofundadamente sobre o conceito judeu da história de Jesus. Contudo, neste capítulo pretendemos apenas explicar o título de "filho de Deus". Segundo a exegese actual relativa ao Novo Testamento. Jesus nunca se intitulou Deus, pelo contrário: "Porque me chamas bom! Só Deus é bom, e mais ninguém". (Mc 10,18. Somente **depois de sua morte**, quando, mediante determinadas experiências pascoais, visões e audições, se passou a acreditar que ele não tinha permanecido a sofrer e morto, mas sim que tinha sido acolhido por Deus na vida eterna, e que por Deus tinha "subido até" Deus, é o que **a comunidade de**

### **crentes passou a utilizar o título de “filho” ou de “filho de Deus” para Jesus.**

Porquê? Isto (e aqui fecha-se o círculo, e regressamos ao nosso ponto de partida nos Evangelhos) era aceitável, do ponto de vista de alguns judeus, naquele tempo.

- Em primeiro lugar, lembravam-se com quanta experiência divina interior, união e proximidade de Deus o Nazareno viveu, proclamou e agiu, como ensinou a ver Deus como pai de todos os Homens (“Pai nosso”), chamando-o ele próprio de pai (“*Abba*, querido pai”). Desta forma, existia para os judeus seguidores de Jesus uma razão objectiva e uma lógica interior para o facto de Jesus chamar Deus de “pai”, sendo Jesus expressamente chamado de “filho” pelos seus seguidores. O Messias esperado que veio era chamado filho de Deus de uma forma singular, ao contrário do que havia acontecido no passado com o rei de Israel, que deixara de existir desde há muito.

- Em segundo lugar, começaram a ser entoadas canções dos Salmos, entendidas de forma messiânica, em honra daquele que ressuscitou da morte, em especial os Salmos relativos à subida ao trono. A subida até Deus era facilmente concebida pelos judeus por analogia à subida ao trono do rei israelita. Este último – porventura com base em ideologias reais orientais – no momento em que sobe ao trono passa a ser “filho de Deus”. O mesmo sucede com o crucificado mediante a sua ressurreição e subida ao céu.

Supõe-se que, em especial, o Salmo 110, no qual o Rei David celebrava o seu futuro “filho”, que era simultaneamente o seu “Senhor”, era frequentemente cantado e citado: “O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita!” (versículo 1). Este versículo fornece aos seguidores judaicos de Jesus a resposta à pergunta fulcral sobre o local e a função do ressuscitado (Martins Hengel<sup>20</sup>): Onde se encontra o ressuscitado, neste momento? Poder-se-ia responder: esta junto ao pai, “à direita do pai”: não numa comunidade de seres, mas sim numa “comunidade de trono” com o pai, passando o reino de Deus e o reino do Messias a serem, efectivamente, a mesma coisa: “A atribuição ao Messias crucificado do título de “filho” que está junto ao pai “ao ressuscitar dos mortos” faz parte da mensagem mais antiga comum aos mensageiros do Messias, através da qual convidavam o seu próprio povo à conversão e à crença no “Messias de Israel”, crucificado e ressuscitado por Deus e sentado à sua direita”<sup>21</sup>.

E de facto, no Salmo 2,7 – um ritual da subida ao trono – o Messias-Rei é expressamente chamado de “filho”: “Tu és meu filho; desde hoje sou teu pai”. Note-se: “sou teu pai”, neste caso, é sinónimo de subida ao trono. Nem a bíblia hebraica, nem o Novo Testamento apresentam vestígios de uma geração psíquico-física como no caso do deus-rei egípcio ou dos filhos de deuses helénicos, nem tão pouco de uma geração meta-física no sentido posterior da doutrina da trindade helénico-ontológica!

Por este motivo, uma das últimas profissões de fé (antes de Paulo) reza o seguinte na introdução: Jesus foi “constituído Filho de Deus ao ressuscitar dos mortos” (Rm 1,4). Por isso, nos Actos dos Apóstolos este Salmo 2 da Subida ao Trono pode ser aproveitado e aplicado a Jesus: “Ele (Deus) disse-me (segundo Sl 2,7 ao rei, ao consagrado, segundo Act 13,33 a Jesus): “Tu és meu filho; desde hoje sou teu pai”. E por que razão isto tudo pode acontecer? Porque aqui no Novo Testamento ainda domina o pensamento judaico: “gerado” como rei, “gerado” como consagrado (= Messias, Cristo) significa nada mais, nada menos do que constituído como representante e filho. E o “hoje” (no Salmo o dia da subida ao trono) nos Actos dos Apóstolos não corresponde ao Natal, mas sim à Páscoa. Não se refere à festa da vinda ao mundo, do fazer-se Homem, da “encarnação”, mas sim ao dia da ressurreição, da subida de Jesus até Deus, na Páscoa, na festa principal da cristandade.

Qual é o significado originalmente judeu e atribuído pelo Novo Testamento ao Filho de Deus? Apesar do modo como este assunto foi definido, mais tarde, pelos concílios helénicos com conceitos helénicos, o Novo Testamento refere-se, sem dúvida, não a uma mera ascendência, mas sim **à colocação numa posição de direito e de poder no sentido hebraico do Antigo Testamento**. Não se trata de uma filiação física, como nos mitos helénicos ou como é frequentemente aceito até hoje pelos judeus e muçulmanos. Trata-se, pelo contrário, de uma **escolha e autorização plena** de Jesus por Deus, no sentido da Bíblia hebraica, segundo a qual o povo de Israel também pode ser chamado “Filho de Deus” de forma colectiva. A crença judaica num só Deus não

apresentava objecções fundamentais contra a ideia de filho de Deus; se assim não fosse a comunidade judaica não teria apoiado essa ideia. Ainda hoje o monoteísmo judaico ou islâmico têm poucas objecções a fazer.

Porém, alguns dos nossos contemporâneos não parecem estar convencidos: "A ideia de Deus se fazer Homem não é certamente judaica, para não dizer que é absurda?".

20. **M. Hengel** produziu a primeira abordagem convincente da função-chave cristológica do seguinte versículo do salmo: "Senta-te à minha direita!". O lugar de Cristo no trono, à direita de Deus e o Sl 110,1 em: M. Philonenko (Editor), *Le trône de Dieu* (Tübingen 1993).

21. idem.

(KÜNG, 1997.p. 71-74) (grifo do original).

## 7) José Pinheiro de Souza (1938- )

**Os mitos da filiação divina e da divinização de Jesus, bem como o de seu nascimento miraculoso, foram copiados dos mitos de filiações divinas e de divinizações de outros personagens marcantes da História** (como reis, heróis, líderes religiosos etc.). Como já vimos, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Repetindo as palavras de Juan Arias, **"todos** nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e **Filhos de Deus**. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: 'Precisamos de mais coincidência?'" (ARIAS, p. 111-112) (SOUZA, 2007, p. 51) (grifo nosso).

### **O MITO DE JESUS COMO "FILHO DE DEUS" NO SENTIDO NATURAL**

[...]

Por conseguinte, é somente por linguagem *analógica* (*metafórica, mitológica*) que dizemos que "Deus é nosso Pai", ou que "Deus é um ser pessoal" etc. Mas Deus não é *literalmente* "nosso Pai", ou *literalmente* "uma pessoa", mesmo admitindo que ele possua, em altíssimo grau, atributos paternos e pessoais. E se Deus não é *literalmente* "nosso Pai", ninguém pode ser *literalmente* "filho de Deus". A palavra "filho" é muito usada em *sentido figurado*, particularmente na cultura judaica:

Na linguagem judaica, usa-se amiúde o termo "filho" para designar alguma semelhança. Por exemplo: "filho de touro" significa um homem forte; [...] "filho da gordura" significa "filho gordo". Analogamente, **a expressão "Filho de Deus" significa um homem intimamente unido a Deus ou um pregador de Deus. É neste sentido que se atribui a Cristo o título de "Filho de Deus", um título que o rei Davi também o tinha** (GRIESE, 1957, p. 28, nota 2) (negrito meu). [do autor].

Logo, Jesus não pode ter cometido a blasfêmia de ter declarado ser "Filho de Deus" - no sentido *literal, natural* - como dogmatizaram os cristãos, no Concílio de Niceia (ano 325), fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

No sentido analógico/metafórico/honorífico, portanto, ninguém comete blasfêmia ao chamar Jesus de "Filho de Deus". Aliás, nesse sentido, todos nós somos "filhos de Deus", uns apenas mais adiantados que outros na carreira evolutiva, por serem mais antigos, ou por já terem trabalhado mais no caminho da perfeição.

Jesus nunca declarou ser uma pessoa divina (no sentido literal da palavra). As passagens evangélicas que lhe atribuem tal declaração (por ex., Mt 26,63-64; Mc 14,62; Jo 10,30;14,9-10) foram criações dos evangelistas para enaltecer a sua pessoa e para dar credibilidade exclusiva ao cristianismo mítico dos cristãos.

Conforme elucidado, **ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico aplicado geralmente aos reis por ocasião de suas coroações.** Os judeus, sendo estritamente monoteístas, rejeitavam qualquer crença que tivesse sabor de politeísmo. Por isso, não podiam admitir que alguém pudesse ser “filho de Deus”, no sentido natural/físico/biológico e, muito menos ainda, acreditar que Deus pudesse encarnar-se em forma humana. Já na cultura greco-romana, e em muitas outras culturas antigas, era muito comum a ideia mitológica de alguém importante ser considerado “filho de Deus”, no sentido natural (físico, biológico), através da concepção miraculosa entre uma divindade e uma mulher da Terra, ou entre uma deusa e um homem da Terra, como era igualmente comum a ideia de uma divindade encarnar-se (ou reencarnar-se) em forma humana (o chamado MITO DO DEUS ENCARNADO).

Assim, por exemplo, os chamados *heróis* na mitologia grega eram tidos como “filhos de um deus e de uma mortal” (COMMELIN, Op. Cit., p. 215); Teseu, o décimo rei de Atenas, também é chamado, às vezes, de “filho de Netuno”, a grande divindade dos trezenienses (Ibid.); Júpiter, o pai, o rei dos deuses e dos homens, também engravidou um grande número de mulheres da Terra, e delas nasceram muitos filhos, que foram todos colocados entre os deuses e semideuses (Ibid., p. 21-22); “a deusa Vênus (‘Afrodite’, em grego) gerou Eneias e um grande número de mortais” (Ibid., p. 60-61); o próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C., era considerado um divino Filho de Deus, nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em geral (Cf. LEWIS, 1997, p. 78); o taumaturgo Apolônio de Tiana, contemporâneo dos primeiros cristãos, também nascera de uma mãe virgem, tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu (Cf. RIFFARD, Op. Cit., p. 405); **na mitologia egípcia, o rei, chamado faraó, era considerado um deus vivente e dava-se-lhe o título de “Filho de Deus”**; na mitologia da Pérsia, Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido pela concepção entre um deus e uma virgem (Cf. LEWIS, Ibid., p. 76); Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina e era chamado de “Cristo” ou “Filho ungido de Deus” (Ibid.).

Analogamente, o MITO DO DEUS ENCARNADO, isto é, a crença segundo a qual uma divindade se encarna numa pessoa humana, era (e continua sendo) muito comum. Assim, por exemplo, no hinduísmo, Krishna é considerado a oitava encarnação do deus hindu Vishnu; para os hinduístas, Buda é considerado a nona encarnação da mesma divindade (Vishnu); “O Dalai Lama do Tibete é considerado um avatar [= encarnação divina] de Avalokítezvara” (BLAVATSKY, 2000, p. 65); “A Sociedade Teosófica anunciou, como encarnação divina da época, em suas próprias fileiras a Krishnamurti” (ARMOND, 1999, p. 137); ainda hoje, em vários países, monarcas são considerados a reencarnação de um deus. Como também já foi dito, o guru indiano Sathya Sai Baba é considerado uma encarnação da divindade (Cf. HISLOP, 2003).

**Diante de todos esses exemplos de supostas filiações e encarnações divinas na História de muitos povos, fica muito difícil aceitar a crença mítica e exclusivista da maioria dos cristãos, segundo a qual Jesus seria o único Filho de Deus e a única encarnação de Deus na História.** (SOUZA, 2007, p. 112-114) (grifo nosso).

#### 8) Elaine Pagels (1943- )

Embora Marcos e outros evangelistas usem títulos que os cristãos de hoje costumam compreender como indicadores da divindade de Jesus, tais como “filho de Deus” e “Messias”, na época de Marcos **esses títulos designavam papéis humanos.** (20).

20. Para discussão dos títulos “filho de Deus” e “Messias”, ver a influente obra de Bart Ehrman, *The New Testament: A Historical Introduction to the Early Christian Writings* (Oxford e Nova York, 2000), 60-84. Para uma excelente discussão de várias cristologias, ver PHEME PERKINS, “New Testament Christologies in Gnostic Transformation”, em *The Future of Early Christianity: Essays in Honor of Helmut Koester*, Birger<sup>a</sup> Pearson, ed. (Minneapolis, 1991), 422-441.

(PAGELS, 2004, p. 46) (grifo nosso).

#### 9) Bart D. Ehrman (1955- )

[...] Naquele dia, chamei atenção em sala – como fiz várias vezes nos capítulos anteriores – para o fato de o Evangelho de João ser o único no qual Jesus é explicitamente identificado como divino. Na verdade, ele é chamado de Filho de Deus em todos os Evangelhos. Mas, **para os antigos judeus, ser “Filho de Deus” não fazia de alguém um deus; fazia da pessoa um ser humano com uma relação íntima com Deus, alguém por intermédio de quem Deus faz a sua vontade na Terra.** O Evangelho de João vai além disso. Em João, Jesus é o Verbo de Deus preexistente, por intermédio de quem o universo foi criado, que se tornou humano (1:1-14); ele é igual a Deus (10:30); ele pode tomar a si o nome de Deus (8:58). Ele mesmo é Deus (1:1; 20,28). O Evangelho de João é o único com essa visão exaltada de Cristo. (EHRMAN, 2010, p. 156) (grifo nosso).

Para os antigos judeus, ser o “Filho de Deus” não significava ser divino (ver capítulo 3). No Antigo Testamento, “Filho de Deus” pode se referir a vários indivíduos diferentes. **O rei muito humano de Israel era chamado de Filho de Deus (2 Samuel 7:14), e a nação de Israel era vista como o Filho de Deus (Os 11:1). Ser o Filho de Deus costumava significar uma relação especial com Deus, como aquele que Deus escolhera para fazer sua vontade.** Em Marcos, Jesus é o Filho de Deus porque é aquele que Deus escolheu como o Messias, que deve morrer na cruz para fazer a expiação como um sacrifício humano. Mas não há uma única palavra nesse Evangelho sobre Jesus ser realmente Deus.

Enquanto os primeiros cristãos pareciam achar que Jesus se tornou Filho de Deus na sua ressurreição (e também o Messias e o Senhor), como apresentado nos discursos de Atos, outros passaram a achar que ele já era Filho de Deus no momento do batismo.

A evolução dessa ideia não termina aqui, porém. Alguns anos após o Evangelho de Marcos ser escrito, apareceu o Evangelho de Lucas; nele, Jesus não é meramente o Filho de Deus na ressurreição ou começando pelo batismo; ele foi o Filho de Deus a vida inteira. E assim, em Lucas, diferentemente de Marcos, nós temos o relato de Jesus nascendo de uma virgem. Como vimos em um capítulo anterior, Lucas entende que é no momento de sua concepção que Jesus se torna Filho de Deus – literalmente, Deus fecunda Maria por intermédio de seu Espírito. Maria fica sabendo disso pelo anjo Gabriel na Anunciação:

*O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra, por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. (Lucas 1;35)*

O “por isso” é muito importante nessa frase (a pessoa sempre deve se perguntar por que o “por isso” está ali). É porque Maria concebe por intermédio do Espírito Santo de Deus que Jesus pode ser chamado de Filho de Deus. Para Lucas, esse é o momento em que Cristo passa a existir. Ele é Filho de Deus porque Deus é literalmente seu Pai. Consequentemente, ele é o Filho de Deus não depois da ressurreição ou a partir do seu ministério público, mas por toda a vida.

O último dos nossos Evangelhos a ser escrito, o de João, recua ainda mais a paternidade divina de Jesus, até o passado eterno. João é o único dos nossos Evangelhos a realmente falar de Jesus como ser divino. Para João, Cristo não é o Filho de Deus porque Ele o ressuscitou dos mortos, adotou-o no batismo ou fecundou sua mãe: ele é o Filho de Deus porque ele existiu com Deus no momento inicial, antes da criação do mundo, como o Verbo de Deus, antes de vir a este mundo como um ser humano (se tornar “encarnado”).

E, assim, temos as palavras exaltadas da abertura do Evangelho de João (João 1:1-14):

*No princípio era o Verbo e o verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio ele estava com Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. (...) E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como filho único, cheio de graça e de verdade.*

Essa é a visão que passou a ser a doutrina-padrão cristã, a de que Cristo era o Verbo de Deus preexistente que se tornou carne. Ele ao mesmo tempo estava com Deus no princípio e era Deus, e foi por intermédio dele que o universo foi criado. Mas essa não era a visão original dos seguidores de Jesus. A ideia de que Jesus era divino foi uma invenção cristã posterior, encontrada, entre nossos Evangelhos, apenas em João. ((EHRMAN, 2010, p. 266-268) (grifo nosso).

## 10) Timothy Freke (1959- ) e Peter Gandy (? - )

## FILHO DE DEUS

Apesar da reivindicação do cristianismo de que Jesus é o “único Filho de Deus gerado” (6), **Osíris-Dionísio, em todas as suas formas, é também aclamado como o Filho de Deus. Jesus é o Filho de Deus, contudo igual ao Pai.** Dionísio é o “Filho de Zeus, Deus de sua plena natureza, muito terrível, embora muito bondoso para a humanidade” (7). Jesus é “Deus verdadeiro de Deus Verdadeiro” (8). Dionísio é “Senhor Deus de Deus nascido!” (9).

Jesus é Deus em forma humana. São João escreve acerca de Jesus como sendo “a Palavra tornada carne” (10). São Paulo explica que “Deus enviou o seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado” (11). Dionísio era também conhecido como Baco, daí o título da peça de Eurípides *As Bacantes*, na qual Dionísio é a personagem principal. Nesta peça, Dionísio explica que ocultou a sua “Divindade em forma humana” a fim de a tornar “manifesta aos homens mortais” (12). Diz aos seus discípulos: “Foi por isso que eu mudei a minha forma imortal e assumi a semelhança do homem” (13).

Como Jesus, em muitos dos seus mitos o deus-homem pagão nasce de uma mãe virgem mortal. Na Ásia Menor, a mãe de Átis é a virgem Cibele (14). Na Síria, a mãe virgem de Adónis chama-se Mirra. Na Alexandria, Aion nasce da virgem Kore (15). Na Grécia, Dionísio nasce de uma virgem mortal Sémele que deseja ver Zeus em toda a sua glória e é misteriosamente impregnada por um dos seus raios (16).

Foi a tradição popular, registrada no texto não canônico do cristianismo primitivo mais citado, que Jesus passou apenas sete meses no ventre de Maria (17). O historiador pagão Diodoro relata que também se diz que a mãe de Dionísio, Sémele, teve uma gravidez de apenas sete meses (18).

Justino Mártir reconhece as semelhanças entre o nascimento de Jesus de uma virgem e a mitologia pagã, escrevendo:

“Ao dizer que a palavra nasceu para nós sem união sexual como Jesus Cristo o nosso mestre, não introduzimos nada para além daquilo que é dito daqueles chamados os Filhos de Zeus” (19).

Em lado algum estava o mito do “Filho de Deus” mais desenvolvido do que no Egito, antiga terra natal dos Mistérios. Até o cristão Lactantius reconhecia que o lendário sábio egípcio, Hermes Trismegisto, tinha “chegado de certa forma à verdade, pois de Deus Pai ele tinha dito tudo, assim com do Filho” (20). No Egito, o faraó tinha sido durante anos considerado como a encarnação do deus-homem Osíris e louvado em hinos como o Filho de Deus (21). Como um eminente egiptólogo escreve:

“Cada faraó tinha de ser o Filho de Deus e de uma mãe humana, a fim de poder ser o Deus Encarnado, o Dador da Fertilidade ao seu país e povo”. (22).

Em muitas lendas, os grandes profetas de Osíris-Dionísio são também retratados como salvadores e filhos de Deus. Dizia-se que Pitágoras era o filho de Apolo e de uma mulher mortal chamada Parténia, cujo nome deriva da palavra *parthenos*, significando “virgem” (23). Platão também foi postumamente considerado como sendo o filho de Apolo (24). Filostrato relata na sua biografia de Apolónio que o grande sábio pagão era considerado como sendo o “Filho de Zeus”. Empédocles era considerado um deus-homem e salvador que tinha descido a este mundo para ajudar as almas confusas, tornando-se “como um louco, chamando as pessoas aos gritos e incitando-as a rejeitar este reino e tudo nele e a voltar a seu mundo original, sublime e nobre” (25).

Os temas míticos dos Mistérios até ficaram associados aos imperadores romanos que, por razões políticas, cultivaram lendas acerca da sua natureza divina que os relacionariam com Osíris-Dionísio. Júlio César, que não acreditava na imortalidade pessoal (26), foi saudado como “Deus tornado manifesto, o salvador comum da vida humana” (27). O seu sucessor, Augusto, foi igualmente o “salvador da raça humana universal” (28). E até o tirano Nero é designado num altar “Deus o libertador para sempre” (29).

Em 40 AEC, baseando-se nos mitos dos Mistérios, o poeta e iniciado romano Virgílio escreveu uma “profecia” mística de que uma virgem daria à luz uma

criança divina (30). No século quarto EC, os cristãos literalistas afirmariam que esta vaticinava a vinda de Jesus, mas naquele tempo este mito foi interpretado como referindo-se a Augusto, dito o "Filho de Apolo", predestinado a reinar sobre a Terra e a trazer paz e prosperidade (31). Na sua biografia de Augusto, Suetónio oferece um conjunto de "sinais" que indicavam a natureza divina do imperador. Uma autoridade moderna escreve:

"Eles incluem alguns impressionantes pontos de semelhança com as narrativas do evangelho do nascimento de Cristo. O senado é suposto, o que é ridiculamente implausível, ter decretado uma interdição de criar bebés romanos do sexo masculino no ano do nascimento de Augusto por um presságio ter indicado que um rei de Roma tinha nascido. Além deste massacre dos inocentes, é-nos oferecida uma Anunciação: a sua mãe Átia sonhou durante uma visita ao templo de Apolo que o deus tinha feito recair os seus favores sobre ela na forma de uma cobra; Augusto nasceu nove meses depois" (32)

Uma inscrição escrita por volta da altura em que Jesus é suposto ter vivido diz:

"Este dia deu à Terra um aspecto totalmente novo. O mundo estaria destinado à destruição se daquele que agora nasceu não tivesse irrompido uma bênção comum. Está certo aquele que reconhece neste dia de nascimento o começo da vida; terminou agora esse tempo em que os homens lamentavam terem nascido. De nenhum outro dia o indivíduo ou a comunidade recebem tal benefício como deste dia natal, cheio de bênçãos para todos. A Providência que reina sobre tudo acumulou este homem de tais dons para a salvação do mundo que o designam como o salvador para nós e para as gerações vindouras; às guerras ele porá termo e estabelecerá todas as coisas dignamente. Com o seu aparecimento, as esperanças dos nossos antepassados são realizadas; ele não só excedeu as boas ações de tempos passados, como é impossível que alguém maior alguma vez poderá aparecer. O dia do nascimento de Deus trouxe ao mundo boas novas que estão incorporadas nele. Com o seu dia de nascimento começa uma nova era". (33)

Mas esta não é uma comemoração cristã do nascimento de Jesus. Nem sequer é um louvor ao deus-homem dos Mistérios. É em honra de Augusto. Estes temas míticos eram claramente tão comuns no primeiro século AEC que eram usados para fabricar lendas politicamente úteis a um imperador vivo.

Celso cataloga as figuras a quem a lenda atribui igualmente um parentesco divino e um nascimento milagroso, e acusa o cristianismo de claramente usar mitos pagãos "para fabricar a história do nascimento de Jesus de uma virgem" (34). Mostra-se depreciativo quanto aos cristãos que interpretam este mito como um facto histórico e considera a noção de que Deus poderia literalmente conceber um filho numa mulher mortal claramente absurda (35).

(6) "Creio... num só Senhor Jesus Cristo, seu filho, o único de Deus gerado." "Dedication Creed", de 341 EC, ver Doran, R (1995), 102.

(7) Eurípides, *As Bacantes*, 222, linha 836.

(8) A versão do rei Jaime da Comunhão Sagrada, baseada na "Dedication Creed".

(9) Harrison, J. (1922), 444, citando *As Bacantes*, linha 723.

(10) João 1 v 14.

(11) Romanos 8 v 3.

(12) Eurípides, *op. cit.*, 191, linha 5.

(13) *Ibid*, 192, linha 22.

(14) Lane, E. N. (1996), 40. Cibele, a deusa virgem, era conhecida como *Mater Deum*, a Mãe de Deus. No século quatro, Maria assumiu este título.

(15) Ver *The Hermetica* (Stobaeus fr. 23), onde Ísis é saudada como *Kore Kosmu*, a Virgem do Mundo.

(16) Campebell, J. (1964), 26. O mitólogo Joseph Campebell escreve acerca de semelhanças entre o nascimento de Jesus e o mito órfico do nascimento milagroso de Dionísio: "Enquanto a deusa donzela ali estava sentada, a tecer calmamente um manto, no qual haveria uma representação do Universo, a sua mãe fez com que Zeus se apercebesse de sua presença; ele aproximou-se sob a forma de uma imensa cobra. E a virgem concebeu o deus do pão e do vinho que morre e vive eternamente, Dionísio, que nasceu e cresceu nessa gruta, foi desmembrado até à morte enquanto bebé e ressuscitou... Na lenda cristã, decorrente do mesmo antecedente arcaico, Deus Espírito Santo sob a forma de uma pomba aproximou-se da Virgem Maria e ela – através do ouvido – concebeu Deus Filho, que nasceu numa gruta, morreu e ressuscitou, e está actualmente hipostaticamente no pão e no vinho da Missa".

(17) Um dos poucos fragmentos que restam de *O Evangelho dos Hebreus* diz de Maria que "Cristo esteve no seu ventre durante sete meses", ver Barnstone, W. (1984), 335, e Metzger, B. M. (1987), 170. Crê-se que o *Evangelho dos Hebreus* foi escrito no Egipto, ver Stanton, G. (1995), 101. Segundo Clemente também citava de *Timeu* de Platão, ver

- Barnstone, W. (1984), 335.
- (18) Kerenyi, C. (1976), 106. A gravidez de sete meses de Sêmele é registrada por Diodoro da Sicília e por Luciano.
- (19) Justino Mártir, *Apology*, 3.
- (20) Lactantius, *Divine Institutions*, 4.27,20, citado em Turcan, R. (1992), 279. O pai da Igreja torna claro que esta doutrina da identidade do Pai e do Filho estava "implícita nos mistérios divinos".
- (21) Murry, M. A. (1949), 45. Os reis e rainhas do período ptolemaico mandavam construir uma câmara de nascimento em todos os templos. Aqui, o nascimento divino do rei, Filho de Deus, era celebrado anualmente.
- (22) *ibid*, 39.
- (23) Guthrie, K. S. (1987), 58, citando Iamblichus, *Life of Pythagoras*.
- (24) Gruber e Kersten (1985), 223.
- (25) Kingsley, P. (1995), 380, registra a transmissão da tradição oculta órfica/pitagórica desde Empédocles, passando pelos místicos sufi do Islão. Os gnósticos judeus e cristãos e os herméticos e alquimistas de Alexandria são paragens ao longo deste caminho; todos eles derivam de uma tradição clássica esotérica.
- (26) Ver Sallust, *Cataline*, 51.20.
- (27) Angus, S. (1925), 227.
- (28) Dittenberger, *Sylloge*, 2ª ed., 1347, 3ª ed., 760, citado, *ibid.*, 109.
- (29) *ibid.*, 227.
- (30) Virgílio, *The Pastoral Poems*, 53. A quarta *Écloga* de Virgílio, o chamado poema "Messiânico, foi escrita em 40 AEC. Os poetas da era augustana estavam profundamente imersos na filosofia e no misticismo gregos e através deles as doutrinas de Orfeu e Pitágoras e os ensinamentos astrológicos da Nova Era foram impostos ao serviço da propaganda imperial. Embora o aniversário de Augusto fosse a 23 de setembro, ele retratou-se como sendo Capricórnio, como Mitra e Jesus. Nas moedas, ele é representado com o signo do Capricórnio. O facto de este ser o "Portão dos Deuses" no Zodíaco – o renascimento do sol no solstício de Inverno – era um lugar-comum no pensamento grego-romano.
- (31) Mayor, Fowler e Conway (1907), 22. A tentativa mais antiga registrada para interpretar o poema neste sentido foi a do imperador Constantino, o Grande. Ele declarou que o poeta sabia que estava a escrever sobre Cristo, mas "embrulhou a profecia numa alegoria a fim de evitar perseguições". Esta ideia foi aceite durante séculos, mas ver p. 12, onde um académico moderno escreve acerca da "noção ridícula e, se não fosse sincera diria mesmo blasfema, de que a *Écloga* contém uma profecia messiânica inspirada".
- (32) Wallace-Hadrill, A. (1993), 86. Histórias semelhantes foram contadas acerca do nascimento de Alexandre, o Grande.
- (33) Dittenberg, *Oriens Graeci Inscriptiones Selectae*, 458. O erudito augustano Andrew Wallace-Hadrill escreve sobre3 a inscrição recentemente encontrada feita em 9 AEC na Ásia Menor "Se tivéssemos mais coisas destas, os elos com o pensamento e linguagem de Paulo poderiam parecer menos estranho". Ver Wallace-Hadrill, A. (1993), 93.
- (34) Citado em Hoffmann, R. J. (1987), 57.
- (35) Para os pagãos, o mito do nascimento divino era uma história didáctica metafórica. Para os iniciados dos Mistérios, um ser humano consistia num corpo material e uma alma espiritual. O nosso "pai" divino é Deus que nos dá a nossa alma imortal, a nossa "mãe" material e a Terra (matéria), que nos dá um corpo mortal. A matéria por si só não pode gerar mas é misteriosamente impregnada pelo Espírito invisível para produzir Vida e assim é retratada como uma eterna virgem. Para os filósofos pagãos, nós somos todos filhos e filhas de Deus. O nascimento milagroso de Osíris-Dionísio é uma alegoria que para os iniciados exprimia esta verdade espiritual.
- (FREKE e GANDY, 2002, p. 34-36) (grifo nosso).

## 11) Os tradutores da Bíblia de Jerusalém

Na Bíblia, a expressão "filho de Deus" não tinha sentido transcendente, e podia designar: os membros do povo de Deus (Os 2,1), ou seu rei (Sl 2,7; 2Sm 7,14), ou o justo perseguido que esperava o socorro de Deus (Sb 2,16-18; Mt 4,3+). João o admite também (10,32-36), e é por isso que ele adota a expressão "Unigênito". (Bíblia de Jerusalém, p. 1844) (grifo nosso).

Sabemos que não conseguiremos com esse estudo convencer a muitos, mas isso não nos preocupa, pois devemos respeitar a opinião dos outros. O que nos causa preocupação é quando querem separar as pessoas em duas classes: filhos de Deus e criaturas de Deus, pelo carácter sectarista contido nessa ideia, que, muitas vezes, leva as pessoas a terem preconceitos umas das outras por conta da religião que professam. E aí voltamos a insistir: a quem seguem? Certamente, que não a Jesus, que nunca pregou tal barbaridade; aliás, esta sua frase é lapidar: "Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo também vós a eles"

(Mt 7,12).

E, conforme previsível, postaram num site, onde constava esse nosso texto, na primeira versão, o seguinte:

Sou católica e minha religião afirma que somos criaturas amadas de Deus, só passamos a fazer parte da FILIAÇÃO de Deus depois do batismo porque no batismo somos mergulhados em Cristo e como Cristo é filho único de DEUS só mergulhados em Cristo seremos filhos adotivo de Deus. TENHO HORROR À ESSES EVANGÉLICOS QUE NÃO CONHECE NEM A SUA RELIGIÃO E QUER ENSINAR A NOSSA. (MC)

Haja sofisma para tentar explicar o inexplicável. Até onde sabemos no batismo se mergulha na água e não em Cristo; nem simbolicamente dá para se admitir isso. Além do mais, não uma só palavra em Jesus na qual se possa apoiar para corroborar essa crença. Foi por isso que a nossa contraditora não foi capaz de citar uma só passagem bíblica, pela qual Jesus confirme o que os líderes de sua igreja lhe impõem, dizendo que somente os batizados são filhos de Deus. Recomendamos a ela o nosso texto "O ritual do batismo", disponível em [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net), no qual se verá que essa pratica ritualística católica não tem o sentido que ela quis passar, além do fato de ser, totalmente, de origem pagã.

Essa pessoa está tão perdida que não conseguiu perceber que, pelo texto, não citamos a Igreja Católica, a quem defende, numa visão bem sectária, como dizendo que todos somos criaturas de Deus e não filhos. Aconteceu justamente o contrário. Ademais, a ela nada do que foi falado, por várias autoridades bíblicas, tem valor algum, continua, no direito que lhe cabe, crendo no dogma de sua Igreja. Pessoas assim é que se deve ter "horror", pois abdicam da capacidade de pensar por si próprias, para defenderem pensamento alheio, que, na maioria das vezes, nem conseguem entendê-lo, para verem que se trata apenas de uma falácia.

E para encerrar vamos reportar ao escritor José Pinheiro de Souza, na obra *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*, na qual cita de Gandhi e Leonardo Boff o seguinte:

Mahatma Gandhi:

Se, porém, houver alguma suspeita em sua mente de que apenas uma religião pode ser a verdadeira e todas as outras são falsas, você pode rejeitar a doutrina da fraternidade. Então, estaremos alimentando um processo contínuo de exclusão e fundando a nossa fraternidade sobre alicerces de exclusivismos (apud ELSBERG, 1996, p. 128) (SOUZA, 2011, p. 118)

Leonardo Boff:

Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem conflitos religiosos com incontáveis vítimas (BOFF, 2002, p. 25) (SOUZA, 2011, p. 118).

Acreditamos que ainda vale: "*Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos*". (Jo 13,34-35), no sentido de que "amar uns aos outros" não significa amar só os que nos seguem na mesma religião, mas a todos que seguem conosco na presente encarnação.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Set/2011.  
(revisão set/2012)

**Referências bibliográficas:**

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Rksoft – Bíblia Eletrônica 3.4.0. Rksoft Softwares, 2012.
- ARIAS, J. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 1*. São Paulo: Candeia, 1995b.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 2*. São Paulo: Candeia, 1995a.
- EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- FREKE, T. e GANDY, P. *Os mistérios de Jesus: "seria o Jesus original" um deus pagão?* Mem Martins, Portugal: Europa-América, 2002.
- KERSTEN, H. e GRUBER, E. R. *O Buda Jesus*. São Paulo: Best Seller, 1996(?).
- KÜNG, H. *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.
- LETERRE, A. *Jesus e sua doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos*. São Paulo: Madras, 2004.
- LEWIS, H. S. *A vida mística de Jesus*. Curitiba: AMORC, 2001.
- PAGELS, E. *Além de toda crença: o Evangelho desconhecido de Tomé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964b.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 8*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1971.
- RENAN, E. *A Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- SOUZA, J. P. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- SOUZA, J. P. *Mitos Cristãos – desafios para o diálogo religioso*. Divinópolis, MG: GEEC, 2007.
- VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VERMES, G. *Natividade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ZAHRNT, H. *Jesus de Nazaré, uma vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- <http://www.estudosgospel.com.br/a-biblia-responde/deus/qual-a-diferenca-entre-criaturas-e-filhos-de-deus.html>, acesso em 05.09.2011 às 14:11hs.